

"Brasil, mostra a tua cara"

Chico Alencar

Eduardo Spiller Pena

Eliseu Lopes

Fernando Torres-Londoño

Ivone Gebara

Jurandir Freire Costa

Magno José Vilela

Reginaldo Prandi

Iyá Sandra Medeiros Epega



A imagem de um índio movendo-se de joelhos

diante dos policiais militares, num clima de repressão violenta, foi a síntese das comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil. A figura do jovem índio representa a resistência daqueles que ao longo de cinco séculos de massacre buscaram, em vão, apelar para o bom senso, a humanidade e o equilíbrio das elites perversas e de seus representantes.

Essa imagem, reproduzida pela imprensa internacional, é suficiente para exemplificar o tratamento dispensado pelas classes dominantes e dirigentes aos nativos da terra. Desse episódio pode-se depreender ainda a forma violenta e desumana como os empobrecidos foram e são tratados neste País quando decidem se fazer ouvir e reivindicar seus direitos.

A despeito disso, as maiorias empobrecidas do povo brasileiro têm demonstrado, através desses séculos, um potencial criativo decididamente singular. Em meio às grandes tragédias que têm marcado esta nação, nos campos e nas cidades, as classes populares têm dado formidáveis lições de resistência e demonstrado um extraordinário poder de superação, sobretudo quando se trata da produção de sentido e de beleza. As manifestações culturais e religiosas populares evidenciam de maneira inequívoca esse potencial humano, fruto maduro da miscigenação e do modo como o nosso povo realiza as suas grandes sínteses culturais.

Portanto, por ocasião das comemorações dos cinco séculos de existência do Brasil, não devem faltar as críticas radicais às muitas faces do modelo autoritário e concentrador que caracteriza a história nacional. Nem deixar de registrar os efeitos funestos deste mesmo modelo. Porém, a bem da verdade, faz-se necessário destacar o modo como o povo brasileiro confronta criativamente as suas dores e o adiamento compulsório dos seus sonhos de justiça, paz, liberdade e prosperidade. A par disso, a tarefa de ampliação da cultura democrática obriga-nos a buscar a compreensão dos problemas que nos incomodam. A realidade é maldosa, não se expõe senão quando lhe fazemos as perguntas certas. Nos últimos tempos, a propósito de toda essa problemática, inúmeros trabalhos de alta qualidade foram redigidos. Contudo, nossa vocação ecumênica nos impõe retomar a trajetória nacional destacando um dos seus aspectos mais marcantes: a religiosidade. Acreditamos que, por meio de sua análise, podemos interpretar melhor como o nosso povo tem conseguido enfrentar os obstáculos, enriquecer a existência e alimentar as lutas.

Em tempo de globalização econômica, no qual a sociedade brasileira precisa empenhar-se na construção de um País independente e soberano; tempo de confinamento da religião no plano individual e subjetivo; tempo em que as religiões institucionalizadas subordinam-se cada vez mais à lógica do mercado; cumpre revisitar esse assunto, posto que sabemos o papel estratégico da religião e da religiosidade na consolidação de uma alternativa de nação brasileira.

Faça bem proveito!

KOINONIA é uma instituição ecumênica assim como ecumênica é a alegria, a paz, a construção, a liberdade e também a tristeza, o medo, a destruição, o esmagamento da vida. No conjunto dos servidores, KOINONIA tem representantes dos que crêem (católicos, protestantes e outros) acima de tudo, no Deus da Vida, da Justiça e da Paz, e ainda representantes de entidades ecumênicas e do movimento social. Pela solidariedade e pela dignidade; contra quaisquer expressões da exclusão e da submissão humana, KOINONIA (em grego, comunhão) afirma seu compromisso radical ecumênico e quer fazer-se sempre presença e serviço.

Biblioteca - Koinonia

(X) Cadastrado

(X) Processado

... "Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores"...

PELO CANCELAMENTO DA DÍVIDA DO TERCEIRO MUNDO

Revista bimestral de KOINONIA
Março/abril de 2000
Ano 22 - nº 310

KOINONIA Presença Ecológica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (0**21) 224-6713
Fax (0**21) 221-3016
E-mail koinos@ax.apc.org

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Alberto Messeder Pereira
Emir Sader
Ivoni Reimer
José Oscar Beozzo
Francisco Catão
Jether Pereira Ramalho
Maria Emilia Lisboa Pacheco
Sérgio Marcus Pinto Lopes
Tânia Mara Sampaio Vieira

CONSELHO CONSULTIVO

Carlos Rodrigues Brandão
Ivone Gebara
Jurandir Freire Costa
Leonardo Boff
Luiz Eduardo Wanderley
Rubem Alves

EDITOR

José Bittencourt Filho

ORGANIZADORES

DESTE NÚMERO
Padre Paulo Cezar Botas
Frei Eduardo Spiller

EDITORA ASSISTENTE E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Helena Costa
Mtb 18619

EDITORA DE ARTE E DIAGRAMADORA

Anita Slade

COPIDESQUE

E REVISOR
Carlos Cunha

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

Mara Lúcia Martins

CAPA

Sonia Susini, foto Everaldo Rocha

PRODUÇÃO GRÁFICA

Roberto Dalmaso

FOTOLITOS

GR3

IMPRESSÃO

Clip

Os artigos assinados não traduzem necessariamente a opinião da Revista.

Preço do exemplar avulso
R\$ 3,00

Assinatura anual
R\$ 18,00

Assinatura de apoio
R\$ 25,00

Assinatura/exterior
US\$ 50,00

ISSN 0103-569X

KOINONIA

Presença

5

"BRASIL, MOSTRA A TUA CARA"

PASSARELA

(Des)unidos do pau-brasil

6

Chico Alencar

DESAFIOS

Catequese renovada católica nestes trinta anos

11

Magno José Vilela

RITOS

Sem sacramentos... até quando?

14

Ilyá Sandra Medeiros Epega

RELIGIOSIDADE

As devoções e o ser religioso do Brasil

17

Fernando Torres-Londoño

FEMINILIDADE

Uma homenagem às "moças velhas"

22

Ivone Gebara

SUBMETIMENTO

"Santa pé-de-cana, ora pro nobis!": oração e escravidão

25

Eduardo Spiller Pena

PIQUETES

Memorativo

30

Eliseu Lopes

BUSCAS

Religião, biografia e conversão: escolhas e mudanças

34

Reginaldo Prandi

ATUALIDADE

Mortes a crédito

43

Jurandir Freire Costa

RUBEM ALVES

O computador salva...

45

Parabenizo-o pela oportunidade e pela qualidade da 309. Durante estes anos todos, dialogo com editores e articulistas da *Tempo e Presença* em monólogos breves, uns, e duradouro, outros. Em silêncio.

Pertenço à indenominação dos "outros" (cf. p. 4) ou mais especificamente, sou do não-partido dos inteiramente proscritos. E só pode sê-lo quem já pertenceu e isso eu fiz, com imensa alegria e empenho até 1964. Fui metodista puro sangue, leal servidora da Confederação Evangélica do Brasil até dezembro de 1963, quando fui dispensada da posição de secretária-adjunta do Departamento de Ação Social. O proscrito é o filho que se exila da Casa, mas que não tem o charme nem a alegria da partida nem as glórias do retorno festivo do Filho Pródigo. Fica olhando de fora, doido para ver o melhor acontecer no lugar onde foi feliz e depois descobre

Em seu ensaio, encaminhado de forma absolutamente pertinente à temática do ecumenismo, você registra que "Na maioria dos casos, por omissão, as denominações apoiaram o golpe e, quando da promulgação do AI-5, a situação interna das igrejas já se encontrava sob total controle das burocracias dirigentes, e o passado recente parecia definitivamente sepultado" (p. 27).

É a pura verdade. Mas, para que se ultrapasse a mera constatação, para que se não incorra na mesma omissão e para que se contribua no varrer as cinzas ideológicas que cobrem a nossa História do Brasil e a História do Ecumenismo no Brasil, bem fariam os responsáveis pela Revista, se dessem destaque equânime aos eventos das décadas de 40, 50 e 60 no Brasil e no exterior, como deu aos eventos proto-ecumênicos de outros séculos e de outras paragens. Isto porque o enfoque mais profícuo do Ecumenismo, neste caso, parece ser o de mostrar

aos cristãos brasileiros contemporâneos que esta construção de unidade cristã vem sendo feita por muito tempo, em condições extremamente adversas, com preço muito alto, com o desmantelamento de famílias, com a instalação de desequilíbrios mentais irreversíveis com sacrifício de vidas, e o que é mais aterrador, com o desaparecimento de "irmãos em Cristo". Logo, lutar pelos excluídos hoje é um imperativo, em nome dos "que morreram antes e pelos que são perseguidos" (assim cantávamos euforicamente nos congressos de juventude metodista, concluindo o canto guerreiro com a estrofe apoteótica e sincera: "de pé, somos nós chamados, temos de vencer").

A presença dos jovens protestantes do Brasil em encontros mundiais não redundou apenas em mudança de paradigmas eclesiológicos em suas mentes, mas abriu para muitos o compromisso planetário de serviço, realizado em diferentes lugares do mundo, via organizações internacionais.

Sem menosprezar os esforços dos que o antecederam, como o Rev. Erasmo Braga (p. 5), creio que nesse ponto é de justiça nominar o pastor e intelectual Richard Shaull (p. 28), pelo que representou para a América Latina, para a África e para os estudantes protestantes que estudaram nos Estados Unidos. No primeiro lustro da década de 50 Shaull falou nos Estados Unidos em Congresso Nacional de Estudantes Cristãos. Ali estavam jovens que foram considerados como promissoras lideranças em seus países de origem. Quem ouviu, também, o Shaull foi um bolsista da Igreja Metodista, um *Crusade Scholar* que, como outros tantos que ali estavam, do Brasil e mais algumas dezenas de países, se incendiou de ardor evangélico. Não é que o rapaz conseguiu? Voltou para Moçambique e mandou ver: Mon-

dale mobilizou os que tinham fome e sede de justiça e independência. Sua morte não pode abortar a luta. Os portugueses tiveram que ir embora. Imagino o que aconteceria se houvesse um Congresso de Estudantes Cristãos hoje... com certeza Moçambique ia receber um grande impacto de solidariedade nessa sua hora de horror.

Como falar de Ecumenismo na América Latina sem falar em Waldo Cesar, Jether Ramalho, Carlos Cunha, Billy Gammon, Paulo Stuart Wright e depois James Wright? Os sonhos abortados dos que morreram e a utopia desbotada dos que sobreviveram foram todos frutos do "Ide!" ecumênico que arremessou para a frente umas três ou quatro gerações. O azar é que não havia IGREJA: havia igrejazinhas, miudezas. Na frente das igrejazinhas, ao lado dos púlpitos, havia portas. Mas eram portas que não davam para dimensões maiores da *koinonia*: davam direto na proscricção, no desalento, no erro de rumo, na perplexidade da proscricção, da incomunidade. Por que não chamar os proscritos para a Campanha da Fraternidade Ecumênica? Da minha parte, já estou dentro, não do templo mas dos jardins que o cercam.

Pela dignidade humana, pela paz e pela inclusão, sou, ecumenicamente fraterna,

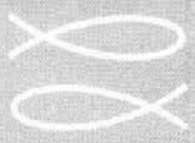
Maria Leda de Resende Dantas
Recife/PE

ERRATA

Cumprir corrigir duas datas presentes no artigo "A longa estrada ecumênica", publicado no suplemento da edição 309:

- O CESEP – Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização Popular foi fundado em 1982, quando foi realizada a primeira assembléia oficial da instituição.
- O CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs também foi fundado em 1982.

Presença



Este ano 2000 está no 1500, e o 1500 está neste ano. É a seiva das árvores multisseculares plantadas em qualquer pedaço de terra, a que esteve no arbus-to pertence à família, à descendência da seiva das grandes árvores. A água do São Francisco pode ser outra, mas o rio é o mesmo.

Nós também estávamos lá, misturados com aqueles corpos nus que assistiam à missa, assistimos também. Fracos, estávamos lá no meio das chicotadas e dos tiros dos arcabuzes, nem usávamos chicotes nem manuseávamos arcabuzes. Índias bonitas eram seveciadas, depois de tiradas aos índios. Pertencíamos à classe dos esturpadores e dos catequistas; duas violências. Não fomos os algozes, mas silenciámos impotentes diante deles. Eles fugiram de nós porque nos viam comprometidos. Apesar de tudo estávamos lá que nem vozes gritando no deserto.

Quando chegaram outros escravos, os negros, vendidos na África e comprados aqui, nos fizemos negros por uma opção silenciosa em favor dos excluídos e tínhamos a mesma cor da pele. A história nem nos citou — negros e índios por opção — mas nós estávamos lá sofrendo com eles, gritando de dor com eles e nem éramos percebidos. Éramos que nem fermento na massa.

“Viajamos” nos navios negreiros, escondidos nos porões. Nem os chicoteadores nem os chicoteados se aperceberam de nós. Habitamos nas senzalas e, sem querer, fomos cúmplices de todos os troncos de suplício, de todas as correntes, de todas as mordidas. Acreditávamos que tudo um dia acabava. Chegamos a pular de alegria com a Lei Áurea, para acabarmos por assistir impotentes ao surgimento de novas escravidões mais estúpidas: escravos “libertados” eram cada vez mais escravos.

Mas estávamos lá, fermento na massa, confundidos, por vocação, com a própria massa. Somente nós sabíamos, tínhamos nossas senhas e códigos, nosso heróis e nossos santos. Éramos a expressão invisível e indelével dentro de uma igreja visível, escandalosamente visível.

E, nestes quinhentos anos, aqui estamos como lá estivemos e jamais deixamos de estar. Continuamos a ouvir gritos e clamores, tiros e xingamentos, choros de crianças e respiração sacrificada de anciãos. Tudo mudou e nada mudou. Continuamos, porém, presentes no meio de magotes de excluídos: desempregados e subempregados; aposentados em declínio; doentes sem atendimento; estudantes fingindo que estudam, vítimas de uma educação malversada.

Sofremos, minorias, nesta terra ainda “Vera Cruz”. Pagam-se dívidas aos avarentos internos e externos, perdem-se fortunas com peculatórios; não se retribui com dignidade aos que se cansaram por décadas; nem se paga aos que suam educando os filhos da Pátria; nem se paga decentemente aos que com dignidade serviram à Pátria.

E, estamos aqui, mais uma vez confundidos com os farsantes de uma democracia sem povo. Mas estamos aqui como estávamos lá há meio milênio: sacerdotes-fermento. Nunca deixamos de ser Igreja — sempre sendo edificada — porque jamais definitiva.

Apesar de tudo querendo celebrar e partilhar, porque jamais deixamos de querer e amar a justiça, a paz e a partilha sem restrições e condenar todas as restrições de gênero, de raça, de classe social. Doe-nos e ainda dói sermos confundidos com igrejas (hoje estão, também estamos, pedindo perdão), mas éramos, somos e havemos de ser Igreja. Sofremos de lá até aqui e jamais traímos a *Missio Dei*.

Servimos cinco séculos e, apesar de tudo nos dispomos a servir a esta terra, a este povo, outros tanto séculos, contra todos os esbirros e mandantes de maldições. Não está longe o dia em que este povo, “não mais escravo”, saberá que, desde a Primeira Missa, havia fermento santificando tudo. ☞

(Des)unidos do pau-brasil

Chico Alencar

Cuidado! Prepare-se para ler um bonito poema-vendaval. Os versos ora são grupos: negros, bugres, lusos; ora são fatos e atos: opressão, rezas, gritos de socorro, cantos, sambas, danças, desfiles não carnavalescos, desenredos; ora são movimentos expressões: "ditadura nunca mais!" anistia ampla, geral e irrestrita; ora insurreições: Balaiada, Cabanagem, Sabinada, Farroupilha, Praieira, Inconfidência; ora epopéias: escritos e canções libertários, candangos, marmiteiros, trabalhadores do cotidiano que abriram estradas, construíram cidades e casas, semearam cana, café, laranja. Vendaval e as bonitezas próprias, e mitos absurdos dessarraigados

A História tem a ver com as celebrações: ela é somente esforço de compreensão. Os centenários só são úteis quando permitem estudar problemas, meditar diretrizes, criticar certezas dogmáticas. Caso contrário, mumificam os vivos sem ressuscitar os mortos" (José Jobson Arruda e Magalhães Godinho)

Comemorar é, literalmente, lembrar junto. E recordar pensando com o coração — a conflitante saga do "cobrimento" que nos constituiu como massa que deve virar povo, superando a *ninguendade*. E como país que deve virar nação, superando a subordinação.

Nenhuma celebração, portanto. Mas reflexão, entendimento, ação transformadora, que a balela do "fim da História" é cantilena neoliberal de quem nos quer passivos, mais clientes do que cidadãos. Basta de encobrimento! Somos indo-afro-europeus (ou bugres-negros-lusos), nesta ordem, inversa à da dominação colonialista. Como gente brasileira, somos ainda um vir-a-ser, na contramão da epopéia lusitana que realizava a profecia pós-camoniiana de Fernando Pessoa; "a busca de quem somos na distância de nós, e com febre de ânsia".

Pessoas nascidas ou viventes neste pedaço do planeta buscamos febrilmente nossa realização com a ansiedade de quem suportou cinco séculos de escravidão e exclusão. Procuramos em rezas, passes, mandingas, gingas e

gritos de gol (tantas vezes mal anulados) a consciência, a justiça, a distância, mas dentro de nós.

Ainda assim, é pouco. Os que mandam desde 1500 nos querem isolados, individualistas, dispersos na caravela-presídio do "cada-um-por-si". Egoísmo como virtude foi a legenda cruz-maltada, e é ainda o auriverde e cinzento pendão. Também na globalização: a matriarca do liberalismo puro e duro, dona Thatcher, decretou recentemente que "não há mais sociedade, mas apenas indivíduos".

É preciso redescobrir o Brasil bem além dos marcos do oficialismo e mesmo dos critérios da razão histórica. A sociedade patriarcal ("só os homens cruzaram o oceano, a conquista foi um assunto exclusivamente masculino", lembra o psicanalista Roberto Gambini) excludente, pluriétnica e policultural (muito musical!) que aqui começou a se montar, há 500 anos, é mais complexa do que supõe nossa vã filosofia — e exige rimar amor com dor.

Nativas estupradas por degredados (os primeiros "brasileiros") na pátria de párias e só de pais, somos um tanto sem-mãe. Mas mesmo longe das classes escolares, pois essa extensão do lar anda pouco atraente, ouvimos a Mama-África. Ela tem o lamento da escravidão, é plena de macumba e de religião. E percussão na senzala e na angolajanga — quilombo — repercutindo a resistência à opressão "O samba é pai do prazer, o samba é filho da dor, o grande poder transformador".

Desenredo

Luiz Gonzaga Jr. e Ivan Lins

No dia em que o jovem Cabral chegou por aqui ô ô
Conforme diversos anúncios na televisão
Havia um coro afinado da tribo tupi
Formado na beira do cais cantando em inglês
Caminha saltou do navio assoprando um apito
em free bemol
Atrás vinha o resto empolgado da tripulação
Usando os tamancos no acerto da marcação
Tomando garrafas inteiras de vinho escocês
Partiram num porre infernal por dentro das matas ôô
Ao som de pandeiros, chocalhos e acordeom
Tamoios, tupis, tupiniquins acarajés ou
carijós (sei lá quem mais!)

Chegaram e foram formando aquele
imenso cordão,
Meu Deus quibão
E então de repente invadiram a avenida central
Mas que legal
E meu povo vestido de tanga adentrou ao coral
Um velho cacique dos pampas sacou do piston
E deu como aberto em decreto mais um carnaval
E assim a 22 daquele mês de abril
Fundaram a escola de samba
Unidos do Pau-Brasil

NA PASSARELA, O DESENREDO

Num hipotético carnaval temporão, que tal fazer desfilar sempre a nossa História, espécie de enredo único sobre os 500 anos da conquista europeia da nossa terra? Pela repercussão e pela força cultural que o samba ainda tem, apesar da mercantilização desmedida do chamado “maior espetáculo da terra”, a festa das Avenidas dos Desfiles — essas ruas temporárias de folia existem em quase todas as nossas grandes cidades — conteria enorme conteúdo pedagógico. Dos acadêmicos de Momo para as escolas, a cultura popular e a educação estarão em feliz casamento: escolas de samba e samba nas escolas. Sambas despertando o agudo interesse dos estudantes e prestando auxílio ritmado aos professores, ao contar a saga do povo brasileiro.

Basta de encobrimento! Somos indo-afro-europeus (ou bugres-negros-lusos), nesta ordem, inversa à da dominação colonialista

Surgem, entretanto, alguns saudáveis problemas. Como cantar, na grande festa popular, os sombrios períodos da nossa História? Como defender com garbo e graça aquelas “páginas infelizes da nossa História”?

Sinal dos tempos! Está surgindo uma nova visão do que seja História. Ela nunca tem um lado só. Tanto é assim que memoráveis desfiles tematizaram a força negra do Brasil. E essa presença, que nos moldou, formou e define (com 80% de não-brancos, so-

mos o país de maior população negra do planeta, de pois da Nigéria) foi construída em meio à opressão da escravidão, da tortura e da discriminação, ainda em vigor. Cantamos nossa luminosa negritude a despeito da imposição dominadora que transformou os afro-brasileiros em “peças de ébano”, “fôlegos vivos”, “pés e mãos dos senhores de engenho”. Isso não é bonito nem suave, mas é cantável e dançável, mesmo como quilombo e capoeira, protesto e libertação. A resistência ao autoritarismo também tem poesia e lirismo. E nos constitui como um povo peculiar, sofrido e brilhante. A cultura, síntese de emoção, tem esta função: desvelar os mil aspectos da realidade e recriá-la.

História não é peça de museu para estática contemplação. É o ontem e o

agora, o remoto e o recente, o multi-forme movimento das gentes. Do golpe de 64 até a eleição indireta de um presidente civil, Tancredo Neves, vinte anos depois, houve perseguição política, censura, tortura e ditadura. Mas é igualmente verdadeiro que nessa quadra do arbítrio militar mais recente aconteceu também uma belíssima resistência cívica e cultural. Não só a da estudantada nas ruas contra o regime neofascista tupiniquim, mas a de artistas, como os *jovens* Nara Leão, Milton Nascimento, Elis Regina, Geraldo Vandré, Paulinho da Viola, Edu Lobo, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e tantos outros, nos festivais de música.

Há muito o que se contar, na ética dos que deram a vida pela liberdade e pelo socialismo, armas guerrilheiras na mão contra o tanque e o canhão, e na estética de opinião das arenas dos teatros, com Boal, Vianinha, Guarnieri e Paulo Pontes driblando os censores. Há plasticidade também na bonita e irreverente insolência dos jornalistas na imprensa chamada “nanica”, na arte de vanguarda de um Rubens Gershman, de um Carlos Vergara, de um Hélio Oiticica. E na “geração-mimeógrafo” de grandes poetas como Chacal e Ana Cristina César. E na câmara na mão e idéia na cabeça do novo cinema de Glauber Rocha, Cacá Diegues, Nelson Pereira dos Santos e Zelito Viana.

Aquele Brasil não era só trevas: havia luz nas conferências de religiosos, colocando suas igrejas em defesa dos humilhados, nas greves operárias de Contagem e Osasco, na luta camponesa retomada, apesar do latifúndio ter listado tantos “cabras marcados para morrer”, de Canudos a Corumbiara e Carajás.

Há o que destacar na política permitida, com o velho Movimento De-

Os que mandam desde 1500 nos querem isolados, individualistas, dispersos, na caravela-presídio do cada-um-por-si. Egoísmo como virtude foi a legenda cruzmaltada, e é ainda o auriverde e cinzento pendão

mocrático Brasileiro (MDB) incorporando, pouco a pouco, o descontentamento, e destoando, doutor Ulisses à frente, de papel de “oposição consentida”. O regime murchou, com as crescentes e generosas campanhas pela anistia ampla geral e irrestrita — “Tô voltando!”, avisaram Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, e muita gente sonhou, acompanhando João Bosco e Aldir Blanc, “com a volta do irmão do Henfil”. Betinho voltou mesmo, para denunciar que “a alma da fome é política” e incentivar uma “ação da cidadania contra a miséria e pela vida”. O regime perdeu a pose com as maiores manifestações de massas de nossa história, num Brasil bonito e amarelo das “Diretas Já!”. Emoção, política e razão democrática eram o começo do fim do túnel. Ditadura nunca mais!

Na nossa história, há muito o que contar, não somente sobre o período da mais recente ditadura militar. É preciso que não sejam “esquecidos”, como a história oficial costuma fazer, o Brasil que não era Brasil, das comunidades nativas, do período pré-cabralino até hoje, celebrado por Martinho da Vila no índio que “cantou o seu canto de guerra, não se escravizou mas está sumindo da face da terra”. Eram 970 povos com 1200 línguas diferentes! Diversidade nunca reconhecida pelo conquistador, que com suas pesadas

botas e seus letais arcabuzes colocou todos os nativos como “gentio” e “bárbaros”. É verdade que, naquela época, a humanidade ainda não acumulara conhecimentos antropológicos que estimulassem o respeito a culturas “estranhas”. O eurocentrismo dominava. Isso explica, mas jamais justificará o genocídio.

O Brasil é negro, mulato, mestiço: “quem descobriu o Brasil foi o negro que viu a crueldade bem de frente e ainda produziu milagres de fé no extremo-ocidente (Caetano, *Milagres do Povo*). Brasil da saga violenta e ambiciosa dos bandeirantes, “vergando a vertical de Tordesilhas”, na “sede do ouro sem cura” versegada por Cecília Meireles.

Brasil das casas-grandes e senzalas, dos sobrados e mucambos, do patriarcalismo autoritário e da etnia sertaneja e cabocla, rebelde e resignada, de Gilberto Freyre. Brasil dos brancos pobres, arraia-miúda herdeira das lágrimas do pessoal dos porões das naus e das galés: “ó mar salgado, quanto de teu sal são lágrimas de Portugal”.

Lembremos do Brasil da independência que não foi, dos conspiradores mineiros, baianos e pernambucanos, de um lado, e dos monarcas e da aristocracia, de outro. Do Brasil das insurreições populares do século XIX — Balaiada, Cabanagem, Farroupilha, Sabinada, Praieira — e do generoso e ousado abolicionismo. Lutas que iam minando a escravidão. Do outro lado, nos salões do baronato, “macaqueando a sintaxe lusíada”, no dizer de Manuel Bandeira, o longo império do “rei café”. Quem sustentava o trono? Quem abanava a princesa Isabel e depois foi “ensinando” a chamá-la de “Redentora”?

Que desfile também o Brasil romântico das Iracemas, I-Juca Piramas, Navios Negreiros, Espumas Flutuantes, e o Brasil de Machado de Assis, a

sós com o seu enigma das Capitus num mundo em transição do agrário para o urbano-industrial. Transição que, completada no fim de 1970, nos deu mais um título: ninguém cresceu como nós, desde 1930. E também tão injustamente, cristalizando o secular fosso entre os poucos muito ricos e a massa muito pobre. Brasil com fome, gordo na contradição. Nação do pós-cidadão, acima de qualquer suspeita. E do pré-cidadão, a quem se nega qualquer direito. "O Brasil é uma foto do Betinho ou um vídeo da Favela Naval? São os trens da alegria de Brasília ou os trens de subúrbio da Central?", perguntam Celso Viáfara e Vicente Barreto, na música *A cara do Brasil*.

Brasil da República sem povo, que a assistiu chegar "bestializado", e da industrialização retardatária, onde coronéis oligarcas viravam capitães de fábricas emergentes. O Brasil da revolta contra as chicotadas ("salve o almirante negro"), dos anarco-sindicalistas, dos tenentes que se rebelam e dos artistas modernistas que se revelam ("tupi or not tupi, that's the question!"). Pátria-macunaíma que procura o seu destino, lutando contra as carreiras de saúde e contra a falta de saúde. De todos e nenhum caráter: brasileiro que nem quem?

Vai passar o Brasil da Era Vargas, quando o samba começou a ser disciplinado, com a ascensão do eixo nazifascista na Europa dando os contornos da disputa política aqui e inspirando o Estado Novo do velho centralismo; o Brasil-raiz brotando na pena de Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Lins do Rego, Jorge Amado, Carlos Drummond, Oswald de Andrade, Mário Palmério, Guimarães Rosa, Antonio Callado, João Ubaldo e muitos mais. Regionalismos, nações dentro da nação.

O Brasil marmiteiro e candango,

dos trabalhadores que produziram bens de consumo, estradas e cidades. O Brasil dos "anos dourados", nacional-populista e transnacional-desenvolvimentista, que ia substituindo o jêgue pelo jipe e tinha a ilusão sorridente de avançar "50 anos em 5"... O Brasil contemporâneo diante da encruzilhada: mancha consumidora no globalitarismo autoritário ou nação reconquistada em igualdade, dignidade, justiça e paz?

DERRUBANDO ESTÁTUAS

1992: nos "500 Anos de América", estudantes do México, em passeata no dia 12 de outubro, tentaram pôr abaixo a estátua de Cristóbal Colón, na avenida Paseo de La Reforma, a principal da imensa capital. A manifestação acabou em golpes de cassete e gases lacrimogêneos.

Não fiquemos amarrados a Pedr'Álvares Cabral, que aliás não foi figura histórica das mais proeminentes, navegador secundário perto do Vasco da Gama, Américo Vespúcio e Gonçalo Coelho. E que depois do "Achamento do Brasil" só voltou a circular naquelas nossas antigas notas de mil cruzeiros, as "abobrinhas"... Bem mais pioneira foi Luzia, a mulher de Lagoa Santa, que pisou com sua tribo em nossa querência há 11.500 anos. Com Luzia — pelo menos até que se encontrem vestígios ainda mais antigos — fez-se a humana luz!

Desmontemos outros mitos, além deste do "descobridor Cabral" — a porta falsa de entrada do conhecimento de uma história narrativa, heróica e meramente acidental, emboradorado museu de efemérides e figuras. Denunciemos que o propalado "cadinho de raças" foi uma mestiçagem imposta, com o poder de mando do procriador branco determinando o rumo dos corpos submetidos e fecun-

dados sem escolha. "Mestiço é que é bom", mestre Darcy, e você sempre indignou-se com a conversa dos que falam do "encontro de raças", como se os três elementos tivessem se integrado harmoniosamente. Fusão, confusão em conflitos, luta de classes.

Repudiemos também o "erro de colonizador", que falseia a noção de que se fossem franceses os nossos donos coloniais, por exemplo, tudo aqui iria melhor. O Haiti é aqui, aqui é o Haiti! Não importa tanto quem coloniza quanto o como coloniza. Guiana, Martinica e Congo Belga (o Zaire de hoje) bem o sabem, talvez o sintam melhor. Colônias de exploração, muito mais que de povoamento. Não há colonialismo-imperialismo brando.

Lembremos também aos patriotas de plantão que nação é uma construção temporal, que nem sempre existiu e nem sempre existirá (Lennon: *imagine no countries*). Sejamos sonhadores, brasileiros que aspiram a um governo planetário cooperativo que eliminará as diferenças entre o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Mundos. Patriotas, sim, mas cidadãos da terra sobretudo. Vem da antiga Pérsia a sapiência: "que o ser humano não se ufa-ne por amor a seu país, e sim por amor à sua espécie". Nacionalismo relativo.

Por que não trabalhar com os "redescobridores" do Brasil, isto é, com aqueles "grandes vultos" que marcaram a nossa cultura e contribuíram, para a formação de nossa sociedade multirracial, pluriétnica, polifônica, híbrida, "ruidosa e festeira", singularíssima? Que tal exaltar na Passarela o "povo da raça Brasil", que não é chinfrim nem genial, apenas original? Pessoas que, nascendo ou tendo vivido um novo Brasil, bem brasileiro? Personagens ainda pouco homenageados não faltam, inesquecíveis e/ou bem vivos, marcantes nesses últimos

500 anos, cada qual no seu campo, cada um reinventando o país de um belo ponto de vista: Vinícius de Moraes, Cipriano Barata, Clarice Lispector, Mário Lago, Cecília Meirelles, Barbosa Lima Sobrinho, Maria Quitéria, Sérgio Porto, Henfil, Clara Nunes, Sobral Pinto, Fernanda Montenegro, Ari Barroso, Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Lima Barreto, Nise da Silveira, Noel Rosa, Chiquinha Gonzaga, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, João Saldanha, Hélio Pellegrino, Garrincha, Nelson Rodrigues, Leila Diniz, dom Hélder Câmara, Gonzaguinha e Gonzagão, o rei do baião que espalhou aboios, toadas, maxixes, xotes, xaxados no nosso sertão. Nostalgia: o que passou é sempre melhor. Mas ter saudades do futuro impulsiona: o que será que será? Utopia brasileira: o lugar polifônico e solidário que haveremos de fazer florir.

Movimentos populares de afirmação da nossa dignidade, contra os poderes poderes, também sobram, e bem que poderiam ser lembrados: da Cons-piração do Rio de Janeiro, também chamada de "Inconfidência Carioca", no final do século XVIII, às revoltas do Quebra-Lampiões e da Chibata, já no nosso século. Século do operariado constituído, do campesinato em marcha (das Ligas ao MST), das mulheres conquistando voz e voto, dos moradores das cidades que crescem partidas reivindicando equipamentos urbanos iguais aos dos bairros das mansões, Celebremos sim a reiteração da verdade histórica: onde há opressão, há resistência!

VIVA O BRASIL!

Não 14, mas 140, 1.400 Brasis, para escolas de todos os grupos e, depois na pedagogia da alegria, para todos os grupos escolares! Não um descobridor, mas muitos que, com engenho e arte,

Melhor seria, agora, nos rebatizarmos: "Terra de Santa Cruz!" Por isso não cabem os festejos balofos e bolorentos, que entediam os vivos e não reanimam os mortos!

recriaram e reinventam nossa civilização. Vá lá: Pedr' Álvares e Pedros imperadores, mas principalmente, Pedros pedreiros, colocando, anônimos, os alicerces de nossa sociedade. Brasil da terra e da música, das literaturas, dos esportes, do rádio, cinema e TV. De preferência sem manipulação. Terra do sol, das cores, luz e calor. Brasil da cidadania dura e parcialmente conquistada, a preço de sangue e lágrimas. Saga de uma gente ferida e alegre, excluída e malemolente, que tem tudo para se constituir numa civilização peculiar e também exemplar num futuro próximo, se as elites deixarem. Abram alas para esta história esperança nos carnavais do terceiro milênio!

Mas a hora é já. Hora de fazer a nova data. Da virada, do redescobrimto ("o Brasil não conhece o Brasil", garantem Aldir Blanc e Maurício Tapajós). No lugar do macho, branco, dono de gado e gente, o sujeito coletivo — feminino, masculino, plural — que se revela e reconhece na longa caminhada, ao som das violas caipiras, dos atabaques vigorosos, na defesa do direito à dignidade, "caetaneando" Maiakovski: "gente é pra brilhar, não pra morrer de fome". Celebremos o grande dia, do cotidiano de quem abriu estradas, alargou pastos, semeou cana, café, laranja e feijão. De quem ergueu igrejas para rezar pelos seus senhores, cidades para ficar na periferia, casas onde não moraria. De quem botou a mesa onde jamais comeria. Cinco sé-

culos de dizimação dos povos nativos e escravização dos povos da África, mas também de engenho, arte e suor negro, indígena e popular: teimosa, malandra e esperançosa resistência! João Ninguém, Maria Maria, Zé das Couves, Ana que ama a terra em que nasceu. Construtores anônimos do Brasil!

Dando nome: Pindorama, a terra das palmeiras, a terra sem males ("antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade", proclamou Oswald de Andrade, um século depois da pseudo-independência anunciada à beira-riacho pelo príncipe absolutista português, homônimo do Pedro de 1500). Com a conquista, as denominações d'além-mar: em trinta anos, fomos Ilha de Vera Cruz, Terra Nova, Terra dos Papagaios, Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, Terra de Santa Cruz do Brasil, Terra do Brasil e — ufa! — Brasil. Crise de identidade? Talvez. O certo é que são muitos nomes para uma só realidade: latifúndio, monocultura, escravidão, patriarcalismo, dependência externa, exploração, chacinhas. Melhor seria, agora, nos rebatizarmos: Terra de Santa Cruz!

Por isso não cabem os festejos balofos e bolorentos, que entediam os vivos e não reanimam os mortos! Esqueçamos o relógio que determina aos videotas, com enorme atraso, a descoberta que devemos fazer que nascemos! Viva a comemoração na batalha (razão de vida) pelo bolo repartido e pela diversidade respeitada. Salve a soberania popular reconquistada! Esta "grande pátria desimportante" ainda será um lugar bom e justo e fraterno de se nascer e existir. ☐

Chico Alencar, professor de história, deputado estadual e escritor.

Catequese renovada católica nestes trinta anos

Magno José Vilela

Durante um longo tempo a catequese dedicava-se ao que era ser católico; era simples instrução religiosa. Neste tempo de incríveis sopros do Espírito, a catequese vira educação da fé, "fé e vida, vida de fé". A renovação catequética quer enfrentar a indiferença religiosa, a secularização das sociedades, e ser catequese de adultos. Não pode ser individual, deve responder aos desafios contemporâneos, deixar de ser um momento de um processo para ser, ela mesma, o processo; não é pontual, é linear

A FÉ E A VIDA

Realidade nova, linguagem nova, e novas idéias e práticas: este período mais recente da catequese brasileira, da divulgação do Diretório Catequético Geral (1971) até os dias de hoje, é por certo de grande riqueza, que ainda levará algum tempo até ser avaliada mais precisamente. São anos de profundas transformações no catolicismo brasileiro, e se é possível desde já destacar a linha de força que vem sendo construída com esperançoso trabalho, que se diga que é a linha de fé e vida, de

vida de fé, de fé recebida como vida, da fé transmitida como vida e com a vida. O que logo se articula com o assentamento de bases comunitárias (expressões como "comunidade eclesial", por exemplo, nunca vicejaram como hoje entre nós), com o reconhecimento mais lúcido das tensões que permeiam "o corpo histórico da fé vivida" (a expressão é do padre Henrique Vaz.), com o árduo discernimento evangélico dos interesses e valores a serem resgatados ou realçados (e assim é a opção preferencial pelos po-



Calicut

Não era tanto a
"ignorância religiosa"
que marcava o povo
brasileiro
tradicionalmente
católico, mas sim o
desinteresse

bres), e, na seqüência, com o necessário enfrentamento dos dilemas e desafios da história vivida ou sofrida na busca da lei justa que desfaça a desigualdade (e as estruturas que a sustentam) e instaure a verdadeira liberdade.

Se essas são coisas que repercutem na vida e na fé, repercutem também nas idéias e nas práticas da catequese. A nova realidade eclesial já não se quer ater, por exemplo, ao catecismo único, de forma e de fórmulas sem vida. A "atenção à realidade concreta da Igreja" requer, segundo as palavras de dom Décio Pereira, que a catequese deixe "de ser a simples instrução religiosa" para alçar-se ao plano mais exigente "de educação da fé vivida e praticada no dia-a-dia", e o mesmo bispo prossegue: "A instrução religiosa que apelava principalmente para a elaboração de conceitos ou transmissão de noções cristalizadas, nas fórmulas fixas do catecismo, era em grande parte responsável pela precária situação da fé e da prática sacramental num povo de maioria católica, mas cuja vida estava longe de corresponder às exigências do Evangelho.

**DA INSTRUÇÃO RELIGIOSA
À EDUCAÇÃO DA FÉ**

Sob o influxo vigoroso do Concílio e à luz das orientações propostas pelo Diretório Catequético Geral (DCG), o colegiado episcopal brasileiro ficará mais à vontade para estabelecer uma

ação pastoral e catequética que possa responder às verdadeiras necessidades da comunidade católica do País. A idéia de um catecismo único e universal, como texto uniformizador, fica praticamente descartada, como já se pôde perceber. E isso favorece o que tem de ser favorecido, a saber, o surgimento de uma reflexão mais rica sobre a unidade (e não uniformidade) da fé através das suas tão diversas expressões e das verdades que lhe são substanciais, assim como de uma busca mais livre, responsável e adequada de princípios e métodos que promovam efetivamente a "maturidade da fé" (DCG, n.36), velho e sofrido anseio subjacente à luta de tantos cristãos pela renovação teológica que precedeu o Vaticano II. Sob este aspecto, e em que pese certa recepção crítica do Diretório, ele teve o mérito de desanuviar o horizonte catequético e lançar uma passarela para a retomada de valores fundamentais da fé vivida livremente como "adesão plena" a ser constantemente amadurecida, e, por via de consequência, de reintroduzir na modernidade da tradição cristã a louvável opção preferencial pela *catequese dos adultos*. Como escreveu Francisco Catão, "a catequese deve ser pensada, em primeiro lugar, como educação do cristão adulto, aprendizado da fé em homogeneidade com a posição que, na idade madura, cada pessoa assume diante da existência".

Os caminhos ficavam, pois, mais abertos e livres para que fossem superados os limites formalistas da "instrução religiosa" e se dessem passadas mais firmes rumo à tarefa exigente de educação da fé, na tensão vivificante entre evangelização e catequese. Tudo isso deve aparecer, como já queria o próprio Diretório, "com maior evidência numa *catequese renovada*" (DCG, n. 36; grifo nosso).

A CATEQUESE RENOVADA

Os desafios, no entanto, não desapareceriam por encanto. A adequação desses princípios à realidade concreta da Igreja do Brasil supunha não só o abandono de velhos hábitos, mas também um melhor conhecimento dos problemas reais da situação da catequese brasileira. Uma importante pesquisa (de Pedro Ribeiro de Oliveira) iria logo revelar, por exemplo, um dado que, pelo menos em parte, contrariava uma certeza institucional aparentemente bem estabelecida: não era tanto a "ignorância religiosa" por falta de instrução que marcava o povo brasileiro tradicionalmente tido como católico, mas sim "desinteresse por aquilo que é próprio do catolicismo apresentado pelo Magistério da Igreja" (e a isso poder-se-ia talvez acrescentar a multifacetada experimentação ortoprática — para não dizer heterodoxa — que parece marcar o caráter religioso nacional). Lição decerto dolorosa, mas que tem de ser aprendida, e não só pela Igreja do Brasil: a indiferença religiosa, o pluralismo religioso, a secularização das sociedades continuam sendo temas constantes de debate e reflexão das igrejas cristãs (não só da católica) mais lucidamente envolvidas com o anúncio da fé.

De um ponto de vista pastoral, aqui se reencontra o que acima foi dito acerca da vida e da fé. Em 1983, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil publicou o documento oficial intitulado *Catequese renovada*. Inspirado tanto pelo Vaticano II, como também pelas conferências de Medellín e Puebla, e as exortações apostólicas *Evangelii Nuntiandi* (Paulo VI, 1976) e *Catechesi Tradendae* (João Paulo II, 1979), e após amplas consultas e intensos debates, esse documento surgiu, como é dito na apresentação, para responder à urgência que se fazia sentir

Indiferença e pluralismo religiosos, secularização continuam sendo temas de debate e reflexão das igrejas cristãs envolvidas com o anúncio da fé

e “criar uma unidade de princípios, critérios e temas fundamentais para a Pastoral Catequética no Brasil”. À leitura do documento, pode-se dizer que o grande princípio norteador dessa nova etapa da catequese no Brasil passa a ser o de “um relacionamento mútuo e eficaz entre a *experiência de vida* e a *formulação da fé*; entre a vivência atual e o dado da Tradição” (n. 113; grifo nosso).

É sob tal enfoque que a Catequese renovada (ou CR) desdobra as suas quatro grandes partes: um pequeno histórico sobre catequese e comunidade na Igreja, os princípios da catequese renovada, seus temas fundamentais, e, enfim, a evocação da comunidade como lugar vital da catequese. Esse esquema já deixa perceber o que a leitura do documento confirma, ou seja, que a catequese é tratada como um *processo* — “processo complexo” (n. 27-29), a “Revelação de Deus como processo... lento e permanente” (n. 40-41), “processo de educação permanente da fé” (n. 138), “processo dinâmico e abrangente” (n.281), etc. — no qual as exigências fundamentais da sua renovação devem ser integradas. A idéia de processo permanente se concretiza, ao fim e ao cabo, através da “caminhada” ou do “itinerário” em que vida e fé são integradas, ou seja, têm como ambiente normal a vida comunitária, posto que “a Catequese não é tarefa meramente individual” (n. 118).

Trata-se efetivamente de uma visão renovada, ou crítica no sentido primeiro da palavra, pois a catequese é como que exposta assim a um *juízo* ou debate (em grego *crisis*) permanente, tendo em vista que deve estar sempre atenta a “responder aos desafios de uma nova situação histórica” (n. 30) sem sucumbir a dualismos, principalmente quando se trata de “promover a integração da caminhada da comunidade cristã com a mensagem evangélica” (n. 283). Esse necessário realce dado à dimensão comunitária, se por um lado deve suscitar e permitir a inserção sempre mais lúcida e intensa dos cristãos em tudo o que a história tem e terá de conaturalmente inédito, por outro lado deve religá-los também, mediante a catarse do passado, com o princípio vivo da Tradição, comunitário por essência, histórico por natureza, entranhadamente vital para a substância e as expressões da fé, e capaz portanto de iluminar a “constituição desse “futuro de Cristo” que é a vida do povo de Deus”

CATEQUESE: INCULTURAÇÃO E “VOLTA AO PROCESSO ANTIGO”

A catequese brasileira marca, pois, na atualidade uma mudança radical (isto é, pelas raízes) de muitas das concepções que a presidiram no passado. Ela entende, é claro, permanecer fiel ao “sólido fundamento” (CR, n. 30) da fé cristã, haurindo “seu conteúdo na única fonte da Revelação divina, utilizando sabiamente a Sagrada Escritura e todos os outros testemunhos da Tradição viva da Igreja...” (id. 84). Por isso mesmo, no seu esforço em adaptar-se continuamente às situações reais e variadas com as quais forçosamente se depara, precisa também de um conteúdo que “seja unitário, orgânico e integral (id., n. 94). Ela tem, pois, de inculturar-se, ou seja, apresentar a fé

na mensagem de Jesus “partindo da cultura do destinatário da evangelização”, e, ao mesmo tempo, se se pode dizer, também tem de voltar “de novo ao processo antigo de evangelizar, assumindo e respeitando as culturas, sem violentá-las...”, posto que então o cristianismo teria procurado “absorver e integrar culturas diferentes”.

Nova et vetera: esse enfoque catequético acarreta, sobretudo no tocante ao conteúdo e à sua criteriologia teológica, a viva retomada dos elementos essenciais ou fontes, como também de modalidades expressivas da catequese que a experiência cristã mais antiga e tradicional consagrou: a Tradição e as Escrituras, a Liturgia, a *traditio evangelii*, o Credo ou a *traditio symboli*, o Pai-Nosso, a ave-maria, os Dez Mandamentos... (CR, n. 85 a 92), sem esquecer, na atenção aos “sinais dos tempos” em nosso contexto, realidades “como a ação do homem para sua libertação integral, na busca de uma sociedade mais solidária e fraterna e na luta pela justiça e pela construção da Paz”(n. 93).

À luz do hoje de Deus e dos homens, a tradição da catequese no Brasil encontra-se agora claramente posta e exposta diante dos desafios e riscos do anúncio e da educação da fé (e da vida) adulta, quando a Palavra livre “que sem força se insinua, entra, penetra e se mete na alma” (como dizia Antônio Vieira) pode enfim ressoar sem amarras, com a força da verdade que liberta, na verdadeira liberdade dos corações humanos. ☪

Magno José Vilela, historiador, professor no Instituto Pio XI, SP.

Sem sacramentos... até quando?

Íyá Sandra Medeiros Epega

Práticas afro-religiosas, até hoje presentes na África, foram aqui emasculadas pelas imposições escravistas. Aos "sacramentos" afros se sobrepuaram os "sacramentos" euros. Por isso, na prática social de nossa terra, a violência étnica gerou a mentira sacrílega — dizem-se cristãos para viver. A esta perda de identidade, declara a autora, deve-se contrapor a recuperação e o sentido afro-religiosos

Nos quase quinhentos anos em que o povo negro, e principalmente a etnia iorubá, instalou-se no Brasil, criou-se um tecido esgarçado, cheio de buracos sociais, culturais e principalmente religiosos. Vários problemas, ainda hoje vigentes, resultaram dessa vinda forçada e intempestiva. Vejamos o lado religioso que é o que mais nos incita a tentar tomar uma providência imediata.

Toda religião tem como proposta ligar o homem aos deuses que ele escolheu como objeto de adoração. Para isso convencionou-se que a participação do homem no sagrado passa pelos ritos, dos simples aos sofisticados, aos quais se deu o nome de sacramentos, tidos como a bênção que torna um ato do cotidiano algo sacralizado, recebido como oferenda por Deuses e Ancestrais. Não há religião sem sacramentos. Mas a escravidão, e a consequente imposição da religião cristã vigente em solo brasileiro sobre os escravos recém chegados, teve como consequência a imposição do sincretismo e a eliminação dos hábitos tradicionais e religiosos.

Esse caldo sincrético deu origem, aqui no Brasil, a uma nova forma de religiosidade chamada hoje de Candomblé. Este, se privilegia os orixás ou outros deuses trazidos da terra-mãe África, descaracterizou-se ao contato com o catolicismo e perdeu força e poder, juntamente com os sacramen-

tos que pudessem enfrentar a igreja. Mantidas parcialmente a iniciação e os ritos fúnebres (por vezes em formas escondidas e restritas a uns poucos privilegiados), quaisquer outros rituais que se diferenciavam do cristão socialmente aceito, eram demonizados e imediatamente destruídos, até mesmo pela ajuda da força policial. Quem seria ousado o suficiente para, em pleno século dezenove, batizar uma criança ou realizar um casamento fora dos ensinamentos da Igreja Católica?

Se impensável no século passado, repensemos o assunto hoje, no limiar do século vinte e um, tendo em vista que a liberdade de ação religiosa está plenamente instalada no Brasil, que o fato de uma religião não restaurar poderes que lhe foram retirados à força há centenas de anos é injustificável perante seus devotos. Não se divide religiosamente a cabeça de um fiel. Não há explicação lógica e aceitável para o fato de sacerdotes afro-descendentes enviarem voluntariamente seus devotos às igrejas católicas a fim de que recebam lá os sacramentos "cristãos" do batismo, do matrimônio, a crisma, das missas, da comunhão e das cerimônias fúnebres. Com uma agravante que talvez não esteja sendo levada em conta. A Igreja Católica, com toda a razão, não aceita esta situação, não deseja compartilhar estes sacramentos conosco, até porque não fazemos parte de seus rebanhos e de suas

prioridades, a não ser em alguns rituais exóticos realizados por bispos e padres ditos progressistas ou adeptos da negritude, que resolveram africanizar suas missas e, ornar as cabeças com filá (chapéu africano), ao mesmo tempo que tocam tambores e cantam em língua iorubá.

Estamos querendo ensinar o quê a nossos seguidores, a mentira? E a mentira sacrílega, uma vez que muitos sacerdotes, para que os devotos obtenham esses sacramentos a eles negados por padres mais rígidos, que não vêem motivos para misturar água benta e azeite de dendê, ensinam-nos a mentir, dizerem-se cristãos, renegando assim a crença ancestral de milhares de anos em orixás, sua iniciação e sua verdadeira religião. E para obter tão somente um sacramento de outra crença que não a sua, só porque é socialmente aceito, religiosamente correto? E quem determina os parâmetros?

Por que os sacerdotes de Candomblé não batizam, se na tradição iorubá temos o *Ikomojade*, dia de dar o nome ao recém nascido, realizado aos sete dias para uma menina, aos nove dias para um menino e aos oito dias para gêmeos? Por que não casam os jovens casais, se temos o *Igbeyawo*, dia de carregar a noiva para dentro da casa do marido, cerimônia que une duas famílias ou duas tribos ou etnias diferentes? Por que não realizar as cerimônias

Quem seria ousado o suficiente para, em pleno século dezenove, batizar uma criança ou realizar um casamento fora dos ensinamentos da Igreja Católica?

mortuárias do Ajeje ou Axexe, em vez de chamar os padres para rezar missas católicas? Por que o iniciando, finalizados seus ritos de iniciação para o orixá é obrigado a assistir a uma missa na igreja mais próxima, receber a hóstia e ter um transe de Orixá dentro da igreja? De onde vieram esses cos-

tumes, e o mais importante, por quê se mantêm?

Somos nós que somos obcecados pela Igreja Católica ou somos nós os obsessores? Cremos que esta ligação já ultrapassou em dezenas de anos o prazo lógico e aceitável. Água e óleo não se misturam, depois da mistura feita, a água não serve para beber, o óleo não serve para fritar. Principalmente se forem água benta e azeite de dendê.

Cabe aos sacerdotes, que são formadores de opinião, elos de ligação entre os homens e os orixás, verificar que estão traindo sete mil anos de tradição africana por algumas centenas de anos de tradição brasileira. Se, há



Everaldo Rocha

Não há explicação lógica e aceitável para o fato de sacerdotes afro-descendentes enviarem voluntariamente seus devotos às igrejas católicas a fim de que recebam lá os sacramentos "cristãos" do batismo, do matrimônio, do crisma, das missas, da comunhão e das cerimônias fúnebres

cem anos estes costumes eram caso de vida ou de morte, de sobrevivência religiosa, hoje esta necessidade não se faz mais presente. O grito de liberdade contra hábitos rançosos tem que partir de nós, aqui e agora.

A necessidade de aceitação pela sociedade está fazendo com que nossa religião esqueça princípios ancestrais, ensinamentos que regeram a vida de nossos antepassados e fizeram com que sobrevivêssemos ao exílio e à escravidão. Se não nos lembramos mais como são os sacramentos, voltamos à terra mãe África, sempre aberta para todos, para resgatá-los. Se for impossível, acionemos nossa memória ancestral, muito presente em todos nós. Pois o que é a "intuição brasileira", senão a memória ancestral? Ou lembremo-nos de que temos um privilégio que é dado a poucos, o de conversar com nossos orixás, falar pessoalmente com deuses e ancestrais, ti-

rar nossas dúvidas, auferir ensinamentos, usufruir do diálogo sagrado dentro dos nossos rituais. Sugerimos então aos sacerdotes que usem e abusem deste benefício que o orixá nos enviou, e aprendam de volta tudo que não veio, tudo que não chegou, tudo que se perdeu por este oceano Atlântico, junto com lágrimas e sangue.

E, em último caso, lembremos que religião é tradição, e que tradição é invenção, um inventar doce e lento, um inventar sagrado, um descobrir formas de chegar aos orixás. Temos uma religião completa, de sete mil anos de existência. Se, por um desastre, que foi a escravidão, nos separamos dos mais velhos e mais sábios, conservamos ainda os orixás e seu poder de se manifestar, falar e ensinar. Não somos nem estamos órfãos, no Brasil existem antigas estirpes que se enraizaram em centenários templos de culto aos orixás e se mantêm vivas e fortes, prontas a repassar axé e conhecimento a todos os seus descendentes.

África é logo ali, seus braços estão abertos a todos nós, a sabedoria está presente em cada velha cabeça dos Babalaôs, sacerdotes do orixá Orumila, pais do segredo, cada cabeça um mar de histórias, uma biblioteca viva de sangue, nervos e músculos, que nossos livros são vivos e falam, nossa religião é dinâmica e não sobrevive de forma parada, estática e repetitiva, como querem alguns. Nossa tradição foi, é, e sempre será oral, independente do número de livros e escritos que possam existir a nosso respeito. Nos-

sas "escrituras" são orais, originárias de cabeças e memórias sempre vivas e prontas a serem acionadas.

E o culto não morreu na África, como desejam e pregam alguns desavisados, professores e homens ditos de saber entre eles, só porque veio para o Brasil. Orixás e todos os deuses e ancestrais africanos vivem em cada cidade onde existe um devoto, em grandes templos seculares, em pequenos templos familiares e tribais. O africano, antes de ser qualquer coisa, é africano. Nossa religião é forte em terra iorubá, em terra ewe fon, em terra bantu. Na África, a terra, a rua pertencem ao orixá, ao *Nkise*, ao Vodun, coisa que não acontece no Brasil. Aqui, pela colonização e pela necessidade da aceitação social da religião, a terra, a rua, a praça são da procissão, do santo católico, da Bíblia.

Peçamos, pois, ao brasileiro afro-descendente, praticante do Candomblé, que exija de seus sacerdotes o que a religião lhe faculta. O direito de receber os sacramentos da sua opção religiosa, do caminho que escolheu para levá-lo a Deus. O direito ao conhecimento religioso, à verdade religiosa, à religião sem misturas e sem mentiras. E que antes de ser brasileiro, já que não é mais africano, seja negro demais no coração.

AXÉ, AXÉ, AXÉ.

Iyá Sandra Medeiros Epega, iyalorixá do Ilê Axé Leviwyato de SP e fundadora do jornal *Tambor*.

As devoções e o ser religioso do Brasil

Fernando Torres-Londoño

A identidade cultural brasileira tem na devoção aos santos uma das marcas mais vigorosas. As imagens deles estavam presentes na vinda, na chegada, nas bandeiras de aventureiros escravagistas. Foram depois entronizados em conventos, em igrejas, em grutas, em fontes e deram identidade aos lugares. Alguns desses lugares tornaram-se centros de romarias que geraram bons negócios, aproximaram os diferentes, uniram os desunidos. Por fim, silenciosos, os santos contrapuseram-se à pregação da catequese que apontava para um deus sempre disposto a castigar

*Os milagres que fazeis
ninguém no mundo os esquece;
sempre vos compadeceis
de quem vos ergue uma prece*
(ABC de N.S. Aparecida, recolhido por
Luis da Câmara Cascudo)

Mesmo com a complexidade e a diversidade adquirida em mais de quatrocentos anos de presença cristã no Brasil, sempre se tem recorrido aos santos. Podem ser devoções consagradas pelos poderes eclesiásticos e civis como São Francisco no período colonial ou Nossa Senhora de Aparecida hoje. Também santos criados pelo povo sem reconhecimento oficial como o padre Cícero. Santos especializados como São Judas ou sempre abertos a qualquer necessidade, como as diversas devoções ao Bom Jesus Crucificado.

As diferentes desqualificações, intentos de controle ou chegada de outras práticas religiosas não tem levado ao desaparecimento da prática devocional. As devoções continuam em evidência, representando para milhões de brasileiros sua forma de ser religiosos. Os devotos que têm conseguido esta permanência das devoções, se adaptaram a realidades como as das metrópoles e a novas formas de comunicação utilizando desde os jornais até a Internet, para fazer os oratórios do século XX e XXI. Fizaram isto resistindo aos diversos embates da secularização, da crítica protestante, do Va-

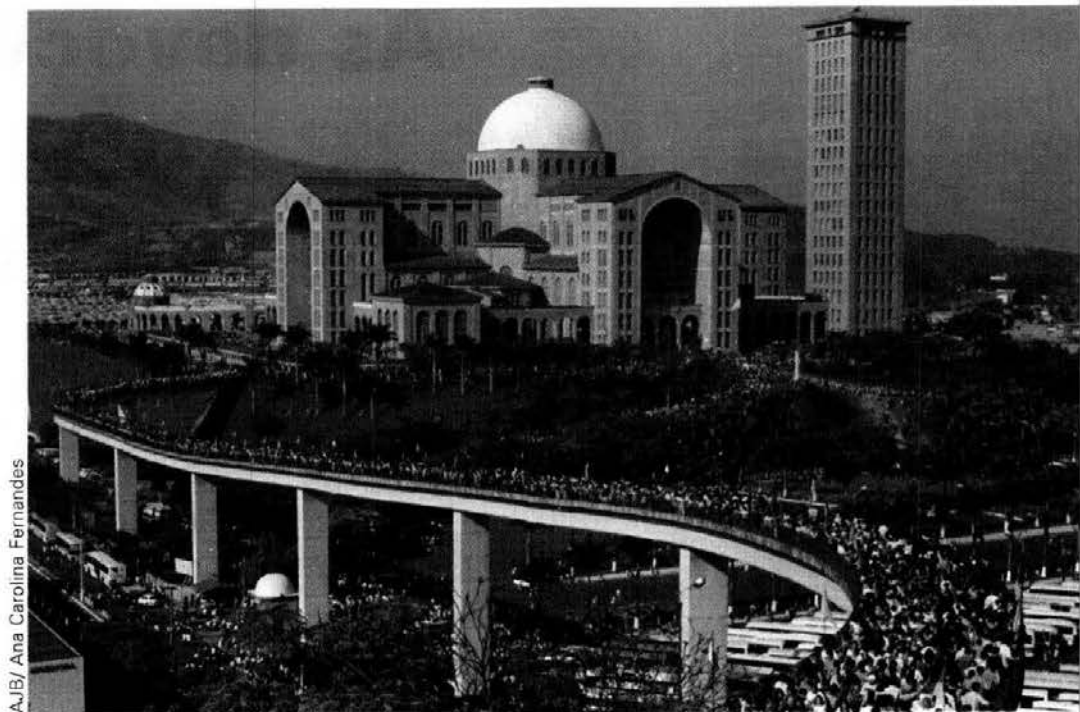
ticano II, da Teologia da Libertação e das igrejas pentecostais e neopentecostais.

Uma visão retrospectiva da presença das devoções nesta parte de América desde o século XVI, permite mostrar que elas tem cumprido variados e importantes papéis na construção da cultura e da identidade brasileira. Conferindo também aos diversos "cristianismos" morenos, caboclos, sertanejos um perfil em que se distinguem os traços da santidade popular.

Considerando a devoção além do estreito marco do contrato, promessa — realização da graça — cumprimento da promessa, se pode ver como elas abrem espaço para a construção de identidades a expressão da afetividade, o exercício da comunicação, a superação do fracasso e impedimento da desavença.

SOB A PROTEÇÃO DOS SANTOS

Os portugueses aqui chegaram durante o século XVI, vinham sob a proteção do Crucificado e da Nossa Senhora. Segundo Caminha, na primeira missa a bandeira de Cristo, que tinha acompanhado a expedição desde a saída a 9 de março, "esteve sempre levantada da parte do Evangelho". Os marinheiros portugueses das tripulações dos barcos que aqui chegavam eram devotos de Santo Amaro. As primeiras Igrejas e capelas foram erigidas nos nomes de Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Senhora de Nazaré.



Basílica de Nossa Senhora
Aparecida, padroeira do Brasil

AJB/ Ana Carolina Fernandes

As terras a que o cristianismo chegou na primeira parte do século XVI, foram vistas por aventureiros e missionários como um sertão imenso e cheio de perigos, habitado por seres aos quais praticamente se negou a humanidade aproximando-os das feras, nomeando-os de selvagens, e dos que se acreditava que não tinham religião. Ali as devoções a Nossa Senhora, ao Cristo Crucificado e aos santos materializaram a presença do Deus dos cristãos. As imagens em tela de Nossa Senhora da Vitória, Nossa Senhora da Conceição de São Jorge e de São Miguel presidiam as bandeiras que durante todo o XVII se aventuraram pelo sertão escravizando índios e procurando minas de ouro.

Encarregados de impor a fé aos índios, os missionários trouxeram suas próprias devoções e se esforçaram por mostrar que Deus estava presente através de fatos extraordinários. Narrativas de curas de índios convertidos no meio de diversos surtos epidêmicos, proteção dos missionários de inúmeras

oportunidades de morte, povoavam as crônicas de jesuítas como o padre Simão de Vasconcelos. Assim, imagens de Santo Antônio, Santo André, São Pedro e relíquias como as das Onze Mil Virgens eram encomendadas a Portugal por jesuítas e frades de São Francisco e entronizadas com pompa nos seus conventos e igrejas, que com suas torres e sinos se alçavam orgulhosos na paisagem marcando a colônia lusitana como terra de cristãos.

Nos séculos XV e XVI, nos diz Delumeau, as devoções tiveram importante desenvolvimento. Arriscando-se ao politeísmo, o culto aos santos foi conferindo rosto e materialidade à fé cristã, além de contribuir para o estabelecimento de uma rica memória cheia de testemunhos de fé e de fatos extraordinários, o que ajudou o cristianismo a criar raízes onde existiam outras religiões. Servos, camponeses, pessoas simples, porém, também membros do clero, senhores e cavaleiros, ganharam a possibilidade de manifestar sua religiosidade de diversas

maneiras e de dar conteúdos particulares a sua fé. A presença de Deus nas manifestações de Nossa Senhora ou por meio da vida de pessoas virtuosas ou extraordinárias que ao morrer passavam a ser consideradas como santas, foi marcando o tempo e o espaço da cristandade e definindo o cotidiano dos camponeses e habitantes das cidades, onde a memória da presença benéfica e protetora dos santos se fazia presente. Associadas a milagres e fatos inexplicáveis as Nossas Senhoras surgiram em lugarejos e burgos. Grutas, fontes, árvores passaram a hospedar imagens e se transformaram em lugares de veneração constituindo-se em referências de identidade local.

Na Espanha cada província tinha seu padroeiro ou padroeira, aos pés do qual se ajoelhavam os monarcas quando as visitavam como signo do reconhecimento dos direitos locais. Ali os santos padroeiros ajudavam a distinguir comunidades umas de outras e a afirmar diferenças. O mesmo aconteceu em Portugal. Também o culto aos

A devoção aos santos pôde alojar a crença na eficácia de gestos rituais alheios ao cristianismo, permitindo assim a permanência de redefinidos referenciais de ordem e sentido

santos com suas diversas datas de celebração espalhadas durante todo o ano deu origens a romarias que traziam para os santuários milhares de devotos, fazendo da festa religiosa animado momento de sociabilidade e rendosa oportunidade de trocas comerciais e negócios.

Nas diversas formas de piedade que a cristandade foi estabelecendo, o culto a dezenas de santos, reconhecidos ou não pelo magistério da Igreja abriu um rico espaço para crenças atos e manifestações provenientes de outras religiões. Pelo reconhecimento de milagres e graças, a devoção aos santos com sua plasticidade pôde alojar a crença na eficácia de gestos rituais alheios ao cristianismo, permitindo assim a permanência de redefinidos referenciais de ordem e sentido.

A prática devocional generalizada encontrou na Reforma Protestante um de seus críticos mais ferozes. A exterioridade do sentimento devocional, o culto às mais variadas imagens, as festas e desordens atrelados às devoções, a facilidade com que se atribuíam milagres e feitos extraordinários, foram os alvos mais visados. Os reformadores baniram dos templos imagens e práticas devocionais, colocaram o texto bíblico no centro da vida do cristão e na relação com Deus deram uma ênfase especial à oração.

O Concílio de Trento respondeu afirmando a importância devocional na tradição e na vida da Igreja, mas com-

bateu os exageros, proibiu práticas consideradas pagãs, colocou diversos limites ao culto dos santos, entregando nas mãos do bispo e dos párocos a vigilância sobre erros que podiam ser cometidos nesse aspecto. Assim a Contra-Reforma Católica preservou a tradição da importância dos santos e das invocações de Maria no catolicismo e abriu caminhos para práticas devocionais que, mantendo e utilizando fartamente as manifestações externas, incentivava também a piedade individual e as práticas ascéticas.

A expansão atlântica protagonizada por Portugal e o alastramento da conquista ibérica na América, deslocaram também as devoções para a periferia colonial. Transformadas em instrumento da imposição do cristianismo, as devoções repetiram em terra de "gentios" sua vocação para congregar, organizar e gerar laços e identidades entre os devotos. As confrarias encontraram campo fértil na colônia na enorme disposição dos leigos em fazer delas espaço de manifestação de sua fé. Um espaço no qual se lutava pela autonomia dos leigos perante os contínuos esforços de ingerência e controle dos bispos, os párocos e as ordens religiosas. Tal atuação independente e firme dos leigos, fosse na Bahia, no Pará, nas Minas Gerais, marcou definitivamente o cristianismo no Brasil com uma clara presença leiga que também se expressou na liderança religiosa assumida por eremitães, peregrinos, beatas, beatos, conselheiros.

Em termos sociais, irmandades e confrarias possibilitaram a organização e expressão de livres, libertos e escravos selecionando membros, definindo regimentos e funções, fornecendo emblemas, construindo espaços e estabelecendo tempos de festas e liturgias claramente identificadas. As elites criaram confrarias como as de Nos-

sa Senhora da Conceição e da Misericórdia. Negros livres e escravos de diversas etnias fizeram das irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de São Benedito e Santa Ifigênia, além de um meio de solidariedade, um espaço para expressar a visibilidade e a diversidade de origens e tradições, numa sociedade que tendia a uniformizá-los na desqualificação que a escravidão representava.

A resposta dos devotos à manifestação extraordinária do santo ou a sua bondade e proteção, levava à procura de um espaço onde a devoção ficasse em evidência e disponível para o culto pela presença da imagem. Santo milagroso e protetor não era para ficar escondido no particular. Esta necessidade de tornar pública a fé, fez que a vocação para o público definisse as devoções no Brasil. Elas precisavam de espaços que aos poucos eram conquistados. Iniciava-se assim um caminho que para algumas devoções podia ir desde o oratório improvisado em qualquer canto com uma imagem de São Gonçalo e outra de Nossa Senhora do Pilar, até santuários imponentes como o de Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo, que estendiam sua influência e fama até regiões distantes. Porém não era assim para a maioria das devoções que em seu esforço de difusão podiam ficar só no oratório familiar, no altar secundário de uma igreja, numa pequena ermida ou numa simples capela, o que, além da fé, dependia em grande parte da capacidade de organização para conseguir recursos e da habilidade de comunicação visual dos devotos, principalmente por intermédio das confrarias. A esta vontade de alcançar visibilidade devemos parte representativa do riquíssimo patrimônio em arquitetura e plástica que nos legou o barroco em Minas, Bahia, Pernambuco, Goiás.

SIGNIFICADO DAS DEVOÇÕES

As relações que no Brasil se estabeleceram com os santos não se reduziram ao acordo, promessa/gracia, cumprimento da promessa. Os devotos estabelecem vínculos afetivos com os santos. Tais vínculos se criam, se carregam de memória, de fatos e de graças para lembrar e muitas vezes, ainda contar para outros, afirmando-se desta forma a confiança no santo. As pessoas não acreditam nos santos só porque precisam. Principalmente os devotos acreditam nos santos porque querem. Os devotos sabem que podem contar com eles, mesmo podendo existir atritos, o santo raramente decepção. Isto porque o devoto, como o santo, são tolerantes. Assim se retribui o não julgamento do santo, sua compreensão ante as fraquezas humanas, sua cumplicidade. Resposta dos santos à catequese do temor que anunciou um Deus sempre disposto a castigar, pois, ao contrário do tremendo juiz, o santo é generoso, não se pronuncia, escuta em silêncio, acolhe. O devoto retribui com lealdade, reconhecendo a graça em fatos extraordinários ou corriqueiros, cumprindo a promessa com generosidade e alegria.

Atravessado pelo afeto o vínculo com o santo se torna familiar. A relação com os santos no Brasil, realiza o desejo de alcançar alguns dos valores que a família representa: amor, acolhimento, solidariedade, proteção. Valores que para muitos brasileiros não têm

existido. Mães e pais como Nossa Senhora de Aparecida ou o "Padim padre Cicho" que acolhem e escutam, que compreendem, toleram e perdoam. Talvez muito diferentes dos pais que no cotidiano não escutam, censuram, castigam e abandonam. Irmãos que auxiliam e são cúmplices, como Santo Antônio, São Judas, Santa Edwiges. Distantes daqueles irmãos inimigos com quem se briga ou que se perdem de vista para sempre. Assim a companhia dos santos materializa a família que todos querem, onde não se está sozinho, onde sempre se tem alguém com quem contar mesmo.

Reconfortados na acolhida e na sensação de compreensão e escuta, identificados na dor de Nossa Senhora das Dores, do Bom Jesus, de São Francisco das Chagas, as pessoas iniciam um caminho de reconciliação com eles mesmos e de mudança de atitude perante suas mazelas e tragédias. Os devotos precisam da cura ou da solução de problemas, porém anseiam com intensidade sarar espiritualmente. Vai-se gerando assim a volta da confiança de per si, a recuperação da estima; também a fragmentação do cotidiano começa a apontar para a unidade e a reconciliação. As pessoas não se sentem e não estão mais sós. Uma enorme força que faz recuperar o sentido da vida e a esperança, está com eles, propiciando alcançar o que se acreditou impossível.

É natural pois querer ter o santo por perto, ele acompanha, inspira, aconselha, protege. Isto se consegue, pelo uso e visibilidade das mais diversas formas de representação e difusão de sua imagem em talhas de madeira, medalhas de cobre, santinhos de papel, esculturas em gesso. As imagens, evidenciam a presença ou a proximidade afetiva do santo e de sua força. Elas diferenciam os espaços trazendo para ali sua pro-

teção. As imagens por vezes circulam entre os cômodos, ou podem ficar menos evidentes, porém tendem a permanecer dentro das casas do povo seja no campo seja nas grandes cidades. No universo dos devotos sempre há espaço para mais um santo. Na plasticidade da cultura religiosa brasileira as devoções não são excludentes. Porém a relação com cada santo, os vínculos com cada um deles e a memória da relação, produzem uma hierarquia devocional a ser administrada.

A imagem do santo ou as diversas relíquias também se expõem por uma necessidade de testemunhar graças alcançadas. A presença da imagem quase sempre supõe a existência de uma narrativa. Por influência européia o ex-voto no Brasil se fez portador da memória da intervenção do santo. Esta pode ser a detalhada narrativa de texto e imagem de um ex-voto a Nossa Senhora dos Remédios mandado fazer em Salvador em 1749; o poema a Nossa Senhora Aparecida Uma vida uma flor, de J. Léo de Belo Horizonte, que em 1988 foi de romaria a Aparecida do Norte, e ficou exposto no santuário; ou a lacônica faixa de agradecimento a Santo Expedito que atravessa uma rua em São Paulo.

Os devotos querem falar de graças e milagres e não perdem oportunidade de dar e consignar seu testemunho. Este pode ser passado de boca em boca e contado por gerações como acontece com os milagres do padre Cícero ou, por escrito, nas listas que se recolhem para o processo do padre Donizetti no interior do Estado de São Paulo. A necessidade de testemunhar se serve dos diferentes meios que vão sendo colocados à disposição: a parede do santuário, as páginas dos jornais, as mensagens nas rádios e, nos últimos tempos, o universo virtual criado pela Internet. Pesquisa recente de Júlio

No universo do devoto
sempre há espaço para
mais um santo.
Na plasticidade da cultura
religiosa brasileira as
devoções não são
excludentes

Moreno da PUC aponta por exemplo para a existência de vinte e três sítios de Santo Expedito na Internet.

Acredito que não é só a obrigação de cumprir a promessa pela satisfação do pedido solicitado, que leva um devoto a pegar na corda da procissão do Círio de Nazaré em Belém do Pará ou criar um sítio na Internet com a expectativa de que seja visitado por internautas do mundo todo. Há também um gesto espontâneo para com o santo, ao querer reconhecer sua presença na satisfação de um pedido de saúde ou de emprego. Ainda há a generosidade para com as pessoas, na sua maioria desconhecidas, que possam vir a beneficiar-se da intercessão protetora do santo, graças a seu testemunho. As devoções criaram pois um importante espaço de comunicação triangular que vai do devoto ao santo e a qualquer um que queira acreditar.

Comunicação exercida por meio de múltiplos usos de uma linguagem carregada de materialidade. Dos quadinhos em madeira da colônia que eram ofertados como ex-votos às dezenas de representações dos órgãos do corpo humano feitas de cera, gesso ou plástico depositadas no Canindé; das cadeiras de rodas às maquetas da casa própria deixadas no santuário do Bom Jesus do Porto das Caixas; as representações de situações que se referem a graças ou os próprios objetos, têm povoado as "salas de milagres" de pequenos e grandes centros de devoção em


todo o Brasil. Cada um deles se refere a um milagre ou feito extraordinário que é creditado ao santo e que merece ser lembrado para testemunho de todos. Ainda, a profusão desses variados registros de graças que se podem contar aos milhares, afirma incontestável, com sua estética barroca e aparentemente desprestigiada, que a bondade de Deus se tem manifestado de forma generosa por intermédio da intervenção de seus santos.

É essa disposição dos devotos para descobrir a necessária presença de Deus por meio dos santos, que tem levado no Brasil ao aparecimento de devoções, tanto recicladas no acervo da memória cristã da santidade como inventadas no cotidiano. A devoção popular pode surgir assim da evocação de um legionário romano, mártir da igreja na Armênia no século IV e que passou a ser considerado no Brasil como santo de causas urgentes, ou também da descoberta de uma madeira com o rosto de Cristo na periferia da cidade de São Paulo, ou finalmente na atribuição de fatos extraordinários a uma curandeira do sertão da Bahia.

Preparados pela fé para aceitar a irrupção de Deus que se faz presente no que é trivial para os outros, os devotos no Brasil têm descoberto a santidade no carisma de ermitões, beatos, benzedeiros, conselheiros ou ainda padres. Diferentes de desequilibrados ou oportunistas, as pessoas a quem a devoção popular reconhece como extraordinárias, se destacam pelo seu desprendimento material, sua capacidade de propiciar a cura de doenças, devolver a esperança aos que estão no desespero e transmitir uma profunda sabedoria de forma simples.

O santo popular goza do apreço e da veneração por sua visibilidade, sua proximidade e principalmente sua

identificação com os devotos. Ele tem a mesma face sofrida e sua história atravessada pela tragédia, também tem suas fraquezas e pode ter errado causando dor, mesmo assim ama a vida e pode curá-la bebendo, cantando, dançando, rindo, caindo na folia. Assim o santo é tolerante e compassivo, sabe escutar, perdoar e entender. Comunicando-se mais por gestos e sinais que por palavras, não faz discurso, não condena a homens e mulheres, entende, ensina e reconcilia sarando.

Concluindo: nesta perspectiva acreditamos, que durante mais de quatrocentos anos no Brasil os santos têm chamado os devotos para a vida, a esperança, a libertação de suas mazelas. Eles aportaram à experiência religiosa o componente afetivo da compreensão, da tolerância, do perdão, da reconciliação. A relação com os santos a partir de uma presença permanente no cotidiano, tem criado uma cultura religiosa de grande plasticidade e hibridismo. Essa cultura tem incentivado uma comunicação entre Deus, os santos e os fiéis, realizada a partir da materialidade, do gesto, da cura do reconhecimento generoso do transcendente presente no dia-a-dia. A devoção aos santos trouxe finalmente para a religiosidade brasileira, um rosto em que se manifesta a bondade divina. Um Deus longe do juiz que tudo sabe, prestes a julgar e castigar, que durante séculos foi anunciado pelos missionários e pregadores. Os santos apontam assim para um Deus que não julga e pune, que entende e perdoa. Um Deus próximo, fácil de encontrar, ao mesmo tempo mãe e pai amoroso, sempre disposto a ajudar e reconciliar seus filhos. 

Fernando Torres-Londoño, doutor em história e pesquisador

Uma homenagem às "moças"

Ivone Gebara

Leia um poema-flor-cheiro.
Os versos são ora folhas,
ora pétalas, ora filhos, ora
netos. De repente flores
são pessoas
e pessoas são flores.
A "moça-velha" Severina
enriquece, com algumas
décadas de vida, este País,
de filhos de outras mães,
de netos de outras avós
que ela nutriu com flores,
vestiu com flores,
alimentou com flores —
as violetas que ela diz
preferir e declara por quê.
"Sinta" o poema-perfume
encantador

Falar de 500 anos é pouco tempo para
contar minha história e minhas histórias
de mulher!

Venho de longe, de muito longe, do
tempo em que tudo era um complexo
"mar feminino" contendo em si dife-
rentes formas de vida. Só agora pedem
que eu conte minha história... De re-
pente querem me escutar... Por tanto

tempo, minha voz não se ouvia e quan-
do se levantava era imediatamente ca-
lada.

Minhas histórias nunca tiveram im-
portância para a grande História. Era
como se eu tivesse sido sempre uma
pessoa secundária em todas as situa-
ções. Todas as grandes revoluções des-
de a industrial passando pela científi-
ca, pela exploração dos mares e dos
espaços cósmicos pouco falaram de
mim. As religiões que começaram co-
migo e me tomaram como representa-
ção primeira do divino me relegaram
em seguida a um segundo plano.

Uma mordada invisível fechava a
minha boca e impedia que minhas opi-
niões saíssem em público. Uma canga
pesada me impedia de erguer o corpo
e liberar o pensamento. Agora querem
me ouvir... E só querem me ouvir por-
que me cansei de ficar calada e come-
cei a gritar e gritar forte... Quero fa-
lar, quero falar, quero falar! Ouçam-
me, tenho idéias, penso e transformo
o mundo com a força de meus pode-
res. Ouçam-me, por favor! Com meu
silenciamento vocês estão matando a
vida e ela está se esvaindo do planeta
Terra de forma violenta e depredatória.

Meu grito começou a atrapalhar e,
vencidos pelo cansaço de ouvir minhas
vozes me deixam falar algumas vezes.

Agora, querem que eu conte um
pedaço de minha história, aqui nesta
terra de brasas e de Brasis. Que peda-
ço posso contar? Que rosto vai apare-
cer quando tenho tantos?

Que rosto poderia ser mais contun-

dente para fazer aparecer as velhas fe-
ridas em meu corpo, as mordadas de
muitos tamanhos em minha boca e os
silêncios de minha vida? Ou que ros-
to sorridente poderei mostrar para fa-
zer aparecer os prazeres que vivi, os
sonhos que alimentei, as causas pelas
quais lutei? Tenho tantos rostos, ros-
tos que vêm de longe, de muitas mis-
turas, de muitos encontros e desen-
contros. Que rostos mostrar?

Busco em minha memória algum
rosto que poderia ter uma história in-
teressante para contar... Um rosto que
lembrasse os rostos mais esquecidos e
desvalorizados... talvez um rosto de
mulher nordestina.

UMA MULHER QUE GOSTA DE VIOLETAS

De repente me veio à lembrança o ros-
to bonito daquela velha senhora que
vendia flores num mercado de Recife.
Ela se destacava e se misturava às flo-
res que vendia. Seu porte alto, suas
proporções volumosas pareciam indi-
car que era mãe de muitos filhos e ta-
vez avó de muitos netos. Os seios vo-
luminosos caíam-lhe até a cintura e pa-
reciam ter amamentado muitas bocas...
E, se poderia até pensar, que ainda
amamentavam se não fosse a idade e
as rugas que lhe cobriam o rosto. Se
não fossem as marcas duras do tem-
po, os sulcos profundos em suas faces,
poder-se-ia imaginar que de um mo-
mento para outro estaria amamentan-
do mais um recém-nascido.

O cabelo longo e grisalho juntava-

velhas"

se na nuca formando um desenho redondo preso por uma fivela dourada. Um avental de cor indefinida com um grande bolso lateral cobria-lhe o ventre proeminente. Não era gravidez... era o ventre da idade, o ventre da velhice que de repente vai crescendo sem ter uma vida nova dentro. O ventre agora era apoio dos braços. É como se sentada o ventre lhe servisse de descanso e de pé lhe atrapalhasse a leveza do passo. Mas estava lá como uma marca da vida num corpo envelhecido e ainda cheio de vida.

Lembro-me de ter me aproximado dela interessada num pequeno vaso de violetas entre as outras flores que ali estavam. Não sei por que as violetas me atraíam... tão pequenas, tão sem expressão, tão escondidas... Mais pareciam uma espécie de mancha roxa

brilhante, no meio das dalias brancas, das margaridas, dos gladiolos, das rosas e dos cravos. Seu núcleo amarelo vivo contrastava com a obscuridade das suas pétalas. Olhei as flores e antes de pedir o meu vaso de violetas lhe perguntei:

— Senhora, qual destas flores é sua preferida?

Como era de se esperar ela respondeu:

— *Eu gosto de todas.*

— Mas se eu fosse lhe dar uma de presente qual delas a senhora escolheria?

Sem hesitar ela respondeu:

— *As violetas!*

Sorri e lhe disse:

— Pois eu estava mesmo olhando para elas e querendo comprar um vaso para mim.

Criei muita gente, mas nenhum saiu da minha barriga. Mas é tudo filho e filha, a senhora sabe. As outras mulheres fizeram filhos e eu criei. Criei até netos e não foram poucos

Senti imediatamente nossa cumplicidade e assim, as violetas foram o maravilhoso pretexto para nossa conversa. Perguntei-lhe o nome:

— *Severina América da Silva* — disse com orgulho. E eu perguntei:

— A senhora tem filhos e filhas?

Ela riu alto, mostrou os poucos dentes que ainda lhe restavam na boca e disse:

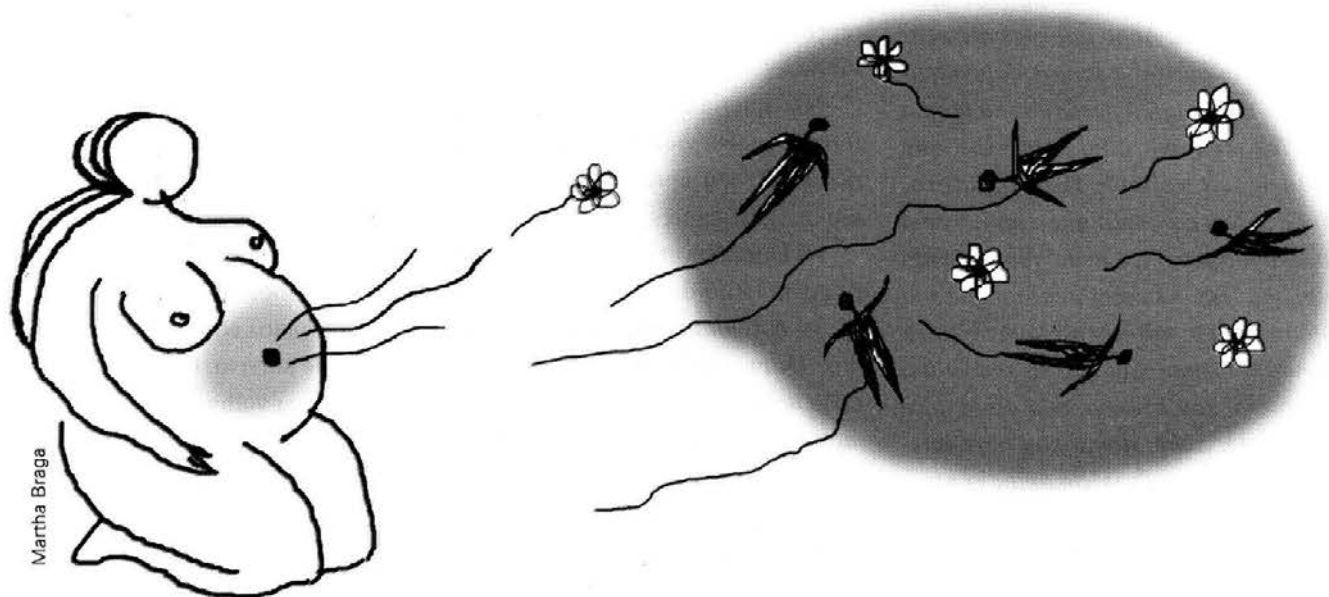
— *Criei muita gente, mas nenhum saiu de minha barriga. Mas é tudo filho e filha, a senhora sabe. As outras mulheres fizeram filhos e eu criei. Criei até netos e, não foram poucos. Criei tudo com flor.*

Riu forte, enquanto dos olhos um brilho extraordinário lhe iluminava o rosto estendendo-se até as flores que pareciam divertir-se com o humor da vendedora. E eu brinquei:

— Então comiam flores?

— *Quase isso, dona, quase isso. Flor vendida deu leite, deu pão, deu feijão, deu farinha, deu roupa e até caderno. Foi coisa fraca, mas sustentou muita gente!*

Sem que eu pedisse, ela começou a falar mais e mais dos filhos e filhas que criara.



Cheiro é como um beijo diferente e é coisa boa danada se for bem dado. O melhor cheiro é aquele dado no cangote... Vivo cheirando minhas flores e elas gostam e até pedem

— Olhe, dona, minha mãe criou a gente, nove irmãos e irmãs na roça de milho e feijão. Mas gostava muito de flor e sempre arrumava uns vasos de flor para vender. Isso ajudava para a feira da semana. Eu herdei dela o gosto pelas flores e seu pequeno comércio. O negócio foi para frente com muita luta. O povo não dá valor às flores e ao trabalho que dá para cuidar delas. Criei sobrinhos, afilhadas e afilhados de muitos tipos, só vendendo e cuidando de flores. Não me casei. A sorte não deu. Tive uns interessados, mas a luta era tanta que não me apeguei a nenhum. Acho que eles até pensaram que eu tinha tantos dependentes que seria difícil sustentar só minha família. O povo conhecido diz que “sou moça velha”, mas lutadora. Moça velha é aquela que não arruma casamento e o povo acha que sua vida é incompleta. Às vezes pensam que sou infeliz porque não tenho homem para mandar em mim. Sou moça, sou velha, sou preta, sou branca, sou do mato e da cidade. Sabe, dona, sou uma mistura de tantas coisas, de tanta gente... Sou um jardim com muita flor, espinho, estrumo, capim brabo... tudo misturado. Não me importo com o que

dizem..., eu é que sei de minha história, de minha luta e de minha felicidade. Na hora da precisão todos correm para Severina América. Ela tem leite de flor para dar. Ela tem caderno de flor para comprar. Ela tem ombro de flor para sustentar o peso da vida dos outros. Já viu que fraqueza mais forte! Flor não vale quase nada, mas para mim vale tudo. É porque às vezes sinto que sou flor, meio murcha agora, mas ainda cheia de semente, e de semente forte.

Severina ria dela mesma, de suas comparações, de seu humor, de suas aventuras de sobrevivência. A vida tinha sabor de piada bem contada, tinha sabor de “mote” de cantador capaz de fazer verso com esterco, estrumo e estrada. A vida é dura, mas é “cheirosa” se a gente souber apreciar. E continuou dizendo:

— A senhora não sabe que o povo aqui diz ‘me dá um cheiro’... cheiro é como um beijo diferente e é coisa boa danada se for bem dado. O melhor cheiro é aquele dado no cangote... Vivo cheirando minhas flores e elas gostam e até pedem.

Eu estava encantada com a conversa de Severina América. Que “vida” Severina saía dela! Que América ela representava? De que Silva Selva ela vinha?

Não queria esquecer-me de sua preferência pelas violetas. Queria saber as razões de seu apreço por estas flores tão insignificantes. E ousei perguntar:

— Dona Severina, por que a senhora gosta tanto de violetas?”

— A senhora não se esquece mesmo. Quer conhecer o meu segredo. Olhe dona, eu gosto de violeta por dois motivos: o primeiro é que a violeta se parece comigo e o segundo porque ela se parece com todas as vidas.

Falou estas coisas com o riso solto. Eu olhava para ela meio espantada

e sem que lhe pedisse ela continuou:

— Pode deixar que eu explico melhor. Sinto que a senhora está curiosa para saber. Olhe, violeta é difícil de criar sobretudo nestas terras quentes. A gente tem que cuidar para não expô-las muito ao sol e nem muito à chuva. A gente tem que cuidar para que as outras plantas não a abafem. A gente tem que estar sempre atenta para não permitir que suas raízes apodreçam. Gente é como violeta. É fraca, frágil, qualquer coisa pode abalar as raízes e adiantar a morte. Vivi muito a vida das violetas em mim. Percebi desde novinha que muita coisa não me deixava respirar direito. Tinha que correr para lá e para cá, dançando para viver e cuidar da violeta que sou. Mas eu tive a sorte de não deixar que me tirassem a alegria de viver e acho que lutei pela mesma coisa para as pessoas que viviam comigo. Violeta é assim... parece fraca, mas quando pega bem na terra e acha, seu lutar fica forte e não se importa de ser só uma violeta passageira. Olhe, violeta é como gente, tem que ser cuidada para viver bem e morrer bem. Mas, o triste é que as pessoas esquecem ou não sabem que todos nós somos violetas. A senhora está me entendendo?

— Eu acho que sim dona Severina, eu acho que sim...

Comprei meu vasilho de violetas e me despedi da vendedora. Além das flores levava comigo uma história de vida, uma história de 500 anos de “moças velhas” lutadoras que criaram filhas e filhos brotados em terra vizinha, mas criados com leite próprio, leite de flor, de sorriso, de carinho e de cuidado. Moça velha, Moça Severina, velha América, jovem Severina América da Silva que bom que você existe! ☺

Ivone Gebara, teóloga católica e escritora.

"Santa Pé-de-Cana, ora pro nobis!": oração e escravidão

Eduardo Spiller Pena

No escravagismo se inseria o mistério do sacramento presente no discurso e na prática de cristãos e de missionários quando se realizava a *mescla* entre os bons negócios que "salvavam" as instituições religiosas e as do Estado. Era o capital "infel", porém "convertido". Acolhia-se o trabalho escravo — no milagre do melado purificado em açúcar — como predestinação divina para salvar tanto o Estado como o Cristianismo. Nem eram mais escravos os negros, pois, pela conversão e pelos açoites, se tornavam mais santos. Tudo isso em bases bíblicas

Por volta de 1880, a viajante francesa, Adèle Toussaint-Samson, visitando uma fazenda escravista no Rio de Janeiro, presenciou o seguinte diálogo entre o proprietário e seu feitor:

— *O que se plantou esta semana?*

— *Arroz, senhor.*

— *Começaram a cortar a cana?*

— *Sim, senhor; mas o rio inundou e nós devemos consertar os canais.*

— *Mande vinte negros para lá amanhã de manhã. O que mais?*

— *Henrique escapou.*

— *Cachorro! Ele já foi pego?*

— *Sim senhor, ele está no tronco.*

— *Dê-lhe vinte golpes com o chicote e coloque a argola de ferro no seu pescoço (...) Isso é tudo?*

— *Sim, senhor.*

— *Muito bem. Chame os negros agora para rezar.*

O senhor tocou um pesado sino, então bradou numa voz descomunal:

— *Salta para a resa! (CONRAD, 1983, p. 81).*

Que o leitor não fique, hoje, um tanto atônito com a naturalidade com que, neste diálogo, o senhor passa dos assuntos mundanos do trabalho (incluindo a punição aos escravos) para o momento ritualístico das orações nas fazendas. As rezas católicas foram procedimentos corriqueiros nos estabelecimentos escravistas, desde o descobrimento até as últimas décadas da escravidão em nosso país. E, pelo que o documento acima indica, elas ocorriam não somente nos engenhos e fa-

zendas administrados por ordens religiosas, mas também nas propriedades tocadas por leigos.

Momentos de trabalho e oração conjugaram-se no dia-a-dia dos engenhos e, apesar de suas finalidades racionais e simbólicas distintas, eles se reforçavam mutuamente. Desde o século XVII, jesuítas, como Antônio Vieira, aconselhavam até a sua superposição: recitar ritmicamente as "ave-marias" no eito conciliava as finalidades — o alívio da labuta com o reforço da devoção para os cativos, e o trabalho metódico e eficaz para o senhor (Sermão XXVII). Já para alguns escravos, a percepção do ato da devoção e do trabalho adensavam-se num só sentimento: exaustão. No século XIX, numa conversa com outro viajante, Thomas Ewbank, um escravo reclamava de um duplo cativo. A senhora tinha por hábito acordá-los (ele e a seus companheiros) de madrugada para as orações: *Trabalhar, trabalhar e trabalhar o dia todo, rezar, rezar e rezar a noite inteira. Nenhum negro deveria agüentar isso (EWBANK, 1856, p.75).*

Os escravos da Fazenda São José, visitada por Toussaint-Samson, também não escaparam do dever católico das orações. Estavam obrigados a isso, assim como estavam obrigados diariamente ao trabalho. Era o repicar dos sinos, pelo feitor ou pelo fazendeiro, que exigia a presença e o cumprimento de ambos os deveres. No campo



Marta Strauch

simbólico, trabalho e oração caminhavam de mãos dadas. O exercício do rito católico incluiu menções e cantos que santificaram a matéria-prima originária de todo o trabalho (a cana-de-açúcar). A demonstração corriqueira e exaustiva da fé e a devoção ao produto original do engenho transfiguraram-se numa coisa só. A nossa viajante parisiense não poderia deixar de relatar para seus interlocutores europeus o inusitado dessa celebração, que a

deixou “profundamente impressionada” e no interior da qual as “misérias da escravidão” apareceram para ela com “todo seu horror e repulso”.

Continuando seu relato, após a convocação para a reza, já anoitecendo, os escravos surgiram das sombras como *fantasmas*, dirigindo-se em fila aos degraus da varanda da casa senhorial, onde havia sido improvisado um altar. As vestimentas deles eram precárias, o estado de saúde lastimável; “a maio-

ria trazia em seus ombros marcas de cicatrizes infligidas pelo chicote”. Podemos imaginar o ânimo e o estado de espírito para a oração num ambiente em que tudo, segundo a autora, era “mórbido, repulsivo, hediondo”, e em que apenas o “medo ou ódio” estampava-se na face dos escravos. O ritual iniciava-se com o acendimento de quatro velas, sendo oficiado por dois escravos, sub-feitores, que entoavam, num latim peculiar, o *Kyrie eleison*. Depois, todos em uníssono, cantavam a ladainha dos santos do paraíso, desde *Santa Maria, mai de Deus, ora pro nobis!* até a última inclusão: *Santa Pé-de-Canna, ora pro nobis!*. Prostrando-se, os presentes finalizavam o canto com uma “aflitiva exclamação”: *Misere-re nobis!* (CONRAD, *ibid*).

A ESCRAVIDÃO CRISTIANIZADA

A santificação da cana pelo canto ritual católico pode ter causado estranheza aos olhos “modernos” de Tous-saint-Samson, contudo ela talvez seja o reflexo, mais cristalino, de uma tradição de séculos no discurso e prática cristãos do Brasil escravista: a da *mescla*, no interior da ação missionária das ordens católicas, entre os negócios para a manutenção e riqueza da Igreja e do Estado, e a mensagem cristianizadora da *conversão* dos “gentios” (índigenas, africanos e seus descendentes). Esta relação analógica entre a busca da riqueza e a propagação da mensagem cristã está longe de ser contraditória, devendo ser enfocada no contexto histórico em que foi produzida.

No âmbito do discurso eclesiástico, temos como exemplo dessa *mescla* os escritos (sermões e cartas) do jesuíta Vieira, no século XVII, e a obra de seu colega de ordem Antonil, e de outros, no século XVIII. A acomodação e conciliação entre os assuntos

temporais e espirituais é o procedimento básico na retórica de Vieira e característica comum ao imaginário barroco e contra-reformista no qual estava inserido. Sua reflexão sobre a ação missionária ou a emissão de palavras sobre o sagrado em seus textos não puderam ser produzidas sem que seu raciocínio as balizasse, também, ao mundo das coisas sensíveis e temporais, inclusive àquelas ligadas a assuntos estritamente econômicos. É conhecido o trânsito que o jesuíta possuía entre as autoridades reais portuguesas e a pregação que fazia para legitimar o uso do capital mercantil, acumulado por mercadores judeus e cristãos-novos, para a salvação do Reino (no caso, Portugal, que passava por aguda crise econômica após a “Restauração”). A viabilidade econômica da metrópole seria efetivada pela organização das companhias de comércio — financiadas pelo capital “infel”, porém “convertido” e bem empregado — que traria com segurança as riquezas do Novo Mundo.

Por outro lado, a providência divina conciliava os empreendimentos: a busca da riqueza material para o corpo do Estado coadunava-se com a busca da riqueza espiritual, isto é, com a missão da “conversão” dos “gentios” para o corpo da Igreja Católica. Os descobrimentos realizados pelo Estado português eram matéria de fortuna divina. Estavam predestinados tanto para o bem econômico da metrópole, como para a condução da mensagem universal do cristianismo às “trevas da infidelidade”. Num dos sermões vieiranos, o messianismo dos navegadores portugueses é ressaltado pela alegoria bíblica: assim como Deus havia criado (no Gênesis) uma nova Terra e um novo Céu, cobertos pela água e escurecidos, os portugueses, guiados pela “luz do Evangelho e o conhecimento

Os pés-de-cana, em suma, salvaram da penúria não poucos colégios, conventos e mosteiros do período. O açúcar tornara-se uma redenção econômica para as instituições católicas

do Cristo”, singrariam os mares, descobrindo as terras e os céus do Novo Mundo. Igreja e Estado eram um só corpo — tornado místico — no pensamento de Vieira.

Vieira fornece-nos, em meio à toda produção discursiva missionária, o exemplo mais acabado sobre a conciliação entre a dimensão mística da devoção e a prática do trabalho escravo no Brasil. Seu Sermão XXVII, proferido aos negros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, na Bahia, por volta de 1680 (Sermão XXVII), é todo ele uma decifração, pela exegese bíblica, de um “mistério” à primeira vista inconciliável: é injusta, de fato, aos olhos humanos (aos que vêem), a escravidão, mas à luz da fé (aos que não vêem, mas crêem) ela está traçada e persiste pelos desígnios da fortuna e predestinação divina. Assim, o fenômeno do tráfico e escravidão dos africanos é justificado pela chave bíblica da “transmigração” e cativoiro dos israelitas na Babilônia. A escravidão é dada porque Deus assim o quer. Senão a sua existência seria dificultada ao máximo e ela não renderia tantos frutos (ou tanto açúcar) como, até então, produzia.

Quem pudera cuidar que as plantas regadas com tanto sangue inocente houvessem de medrar nem crescer, e não produzir senão espinhos e abrolhos? Mas são tão copiosas as bênçãos de doçura, que sobre elas derrama o Céu, que as mesmas plantas são

o fruto, e o fruto tão precioso, abundante e suave, que ele só carrega grandes frotas, ele enriquece de tesouros o Brasil e enche de delícias o Mundo. Algum grande mistério se encerra nesta transmigração; e mais se notarmos ser tão singularmente favorecida e assistida de Deus, que não havendo em todo o oceano navegação sem perigo e contrariedade de ventos, só a que tira de suas pátrias a estas gentes e as traz ao exercício do cativoiro é sempre com vento à popa, e sem mudar vela. (Sermão XXVII)

O estado terreno de injustiça do cativoiro é um desígnio divino. Mas por que Deus deseja a injustiça, mesmo que efêmera? Vieira só compreende essa contradição aparente por uma outra exegese da Palavra. Cativado pela dimensão da fé, nosso jesuíta transfigura o injusto em justo: *Oh Deus! Quantas graças devemos à fé que nos destes, porque ela só nos cativa o entendimento, para que à vista destas desigualdades, reconheçamos contudo vossa justiça e providência!* (Sermão XXVII). Como os israelitas, os africanos são os “filhos do fogo de Deus”; fogo que queima e arde já que conduz ao cativoiro, mas que ao mesmo tempo ilumina para o verdadeiro destino — a “conversão”; que faz sofrer e, no entanto, prepara o espírito para a comunhão divina. Não importa, então, o estado de escravidão uma vez que o cativoiro “maior” — o do pecado — foi eliminado pela “conversão” dos *etíopes* à Igreja. Resta render graças a Deus, ao cativoiro do corpo, basta a oração!

Vós sois os irmãos da preparação de Deus, e os filhos do fogo de Deus. Filhos do fogo de Deus na transmigração presente do cativoiro, porque o fogo de Deus neste estado vos imprimiu a marca de cativos; e posto que esta seja de opressão, também como

fogo vos alumiu juntamente, porque vos trouxe à luz da fé e conhecimento dos mistérios de Cristo, que são os que professais no rosário. (Sermão XXVII)

Alimentados pela oração e devoção, os escravos encontrariam o sustento espiritual para enfrentar ou se acomodar à escravidão. Estariam livres pela alma e espírito, embora cativados corporalmente. Deus e mesmo Nossa Senhora do Rosário poderiam tranquilamente libertá-los da escravidão “menor” do corpo, mas este não foi o desígnio predestinado. O “mistério” é solucionado: ao fazerem “bom uso” de seu estado, isto é, ao submeterem-se cada vez mais aos serviços temporais, eles tornar-se-iam os cristãos por excelência. A providência divina, mantendo a escravidão mesmo injusta, fazia deles o modelo ideal de comportamento da cristandade católica. Disciplina e submissão, com muito padecimento e sacrifício; há maior graça do que padecer injustamente inúmeros sofrimentos pelo amor a Deus? Só por este ato de total entrega, os escravos da Irmandade alcançariam a verdadeira carta de alforria (não a terrena, mas a espiritual): a “liberdade eterna”.

O AÇÚCAR QUANTIFICADO E DIVINIZADO

Acompanhando o discurso, e numa relação de influência mútua com este, havia uma outra faceta da ação missionária que apresentou, igualmente, a dimensão dúplice — matéria e espírito — da riqueza religiosa. Refiro-me

à exímia *prática escravista* das ordens católicas, como a dos jesuítas, beneditinos, carmelitas, franciscanos e de outras que indiretamente se beneficiaram dela, como as clarissas e as diferentes irmandades das ordens terceiras. A Igreja sobrevivia não somente das dízimas e redízimas arrancadas dos bolsos dos ricos proprietários escravistas, mas do envolvimento direto de seus integrantes na economia da escravidão. Administrando, por vezes, as maiores e principais unidades produtivas escravistas que se formaram no Brasil, estas ordens ingressaram — também de corpo e alma — nos negócios da produção do açúcar e do tabaco (séculos XVI ao XIX), e do café e algodão (século XIX).

Ordens e irmandades católicas envolveram-se até a medula nos negócios coloniais escravistas do açúcar. Tanto que todas as demais atividades religiosas, educacionais e beneficentes passaram a depender diretamente do sucesso desses investimentos. Durante o século XVII, por exemplo, 70% da renda dos beneditinos vinham das receitas adquiridas com o empreendimento de seus canaviais e engenhos e mais um tanto da sua atividade usurária (juros de empréstimos concedidos a proprietários escravistas). Os jesuítas, por sua vez, no decorrer do Séiscentos e Setecentos, pela “cultura e opulência” de seus estabelecimentos açucareiros, sustentaram e fizeram a alegria dos seus colégios de Salvador e de Santo Antônio, em Lisboa. Os pés-de-cana, em suma, salvaram da penúria não poucos colégios, conventos e mosteiros do período. O açúcar tornara-se uma *redenção* econômica para as instituições católicas, racionalmente conseguida pela compra e administração de terras e africanos escravizados, e necessária para a sobrevivência das tarefas de doutrinação e devoção espirituais.

Nesta faceta mais pragmática da ação missionária, as coisas da matéria e do espírito estavam definitivamente enredadas. Os negócios da escravidão acompanharam sempre de perto os atos de doutrinação e devoção cristãs. No exercício do tráfico, no momento do embarque, os africanos eram não apenas marcados comercialmente em brasa pelas insígnias da Coroa portuguesa e dos proprietários a que passavam a pertencer, mas também recebiam dos representantes da Igreja, nos dois lados do peito, a marca da cruz — sinal por “ferrete” da *conversão* pelo batismo. Mesmo aí, os interesses mercantis atrapalhavam, por vezes, as tarefas espirituais. Os batismos nos portos de Angola, por exemplo, no início do século XIX, eram, às vezes, negligenciados pelo simples fato dos clérigos cobrarem a taxa de trezentos réis por escravo.

A maior parte dos padres e capelães, como filhos da elite açucareira, herdaram ou adquiriram engenhos e lavouras de cana, mesclando, por esta razão, suas funções espirituais com as preocupações terrenas e materiais. Havia disposições internas nas ordens que permitiam que os padres cumprissem sua missão cristianizadora, enquanto participavam a valer das lides açucareiras. Isso naturalmente dizia respeito aos capelães que se relacionavam com as propriedades escravistas leigas, uma vez que as fazendas e engenhos administrados pelas ordens católicas já destinavam um tempo específico de sua produção para as obrigações espirituais. Os engenhos tocados pelos jesuítas foram instruídos, por exemplo, a cumprirem todos os ritos católicos, mesmo se tal procedimento, oriundo da ordem da fé, trouxesse prejuízos de ordem econômica. Da mesma maneira, os capelães, responsáveis pelas obrigações espirituais, não dei-

xaram de possuir seus escravos e pés-de-cana para plantar. É o caso do padre Rafael de Souza Gomes, capelão do engenho Retiro, no Recôncavo baiano, dono de nove escravos empregados no cultivo da cana que era vendida ao proprietário do mesmo engenho para ser beneficiada. O capelão convivia tranqüilamente acomodado entre os ganhos da colheita de cana, a ser purificada em açúcar, e a missão do refino e salvação das almas.

A purificação do açúcar e das almas. As coisas da matéria e do espírito. Os momentos de trabalho e oração. Que o leitor perdoe-me a insistência na repetição, mas lembro que longe de serem dicotômicas, essas duas facetas do imaginário e da prática do clero colonial formavam um só amálgama (a mescla). E daí entende-se a indagação inicial deste texto sobre a razão da santificação do “Pé de canna”, mesmo em fins do século XIX. A esfera mundana dos negócios açucareiros foi altamente *sacralizada* pela ação missionária. As evidências não são poucas. O jesuíta italiano Antonil, tendo como parâmetro o engenho Sergipe do Conde, da Companhia de Jesus, no século XVIII, chamou a atenção na sua obra para a necessidade de se abençoar o início dos trabalhos na moenda — instrumento primeiro no processo de transformação da cana em açúcar — e também para que se celebrasse a ação de graças ao final de todo o beneficiamento do engenho.

No dia em que se bota a cana a moer, se o senhor do engenho não convidar ao vigário, o capelão benzerá o engenho e pedirá a Deus que dê bom rendimento, e livre aos que nele trabalham de todo o desastre. E quando, no fim da safra, o engenho pejar, procurará que todos dêem a Deus as graças na capela (ANTONIL, 1982, p. 83).

Açúcar e fé mesclaram-se a tal pon-

Os negócios da escravidão acompanharam sempre de perto os atos de doutrinação e devoção cristãs

to que acabaram por produzir visões e crenças nos engenhos que chamaram a atenção dos inquisidores portugueses. Analisando os processos do Santo Ofício no Brasil colonial, Laura de Mello e Souza destaca depoimentos de “mestres de açúcar” que afirmavam ter visto a incorporação de Nossa Senhora nas fôrmas de barro que purgavam o melado quente em açúcar (SOUZA, 1986, p. 147). A forma como o lugar do mistério alquímico que transfigurava o caldo no bem precioso dos engenhos era também o lugar sagrado que acolhia a mãe de Cristo — mistérios da fé! Além disso, havia outros possíveis condicionantes para esta imagem herética dos visionários. As fôrmas tinham o formato dos sinos das capelas e o período do ano em que eram produzidas e trabalhadas para a purificação do açúcar coincidia com os festejos de Nossa Senhora, sobretudo, Nossa Senhora da *Purificação*.

O desfecho crucial no desvendamento da analogia entre a produção do açúcar e a mística da fé, encontramos num pequeno, porém denso, trecho do discurso de Antonil. O curto capítulo XII, “Do que padece o açúcar desde o seu nascimento na cana, até sair do Brasil”, foge ao estilo mais descritivo e pragmático que caracteriza o conjunto da sua obra, ingressando numa linguagem toda visionária e metafórica (bem ao estilo barroco de seu antecessor, o padre Vieira). O açúcar, aqui, deixa de ser computado e medido numérica e economicamente, e passa a adquirir uma natureza divina e reden-

tora. Antonil resume simbolicamente toda a penosa e sofrida provação do “fabrico do açúcar”. O processo de transformação da cana em açúcar cândido é comparado metaforicamente às próprias estações da *Via Crucis*. Assim como Cristo, na paixão, padeceu em vários momentos para a salvação da humanidade, o açúcar, desde a colheita, passando pela purgação até o encaixotamento e transporte além-mar, é sacrificado e martirizado para a redenção econômica dos senhores de engenho e dos erários da Fazenda Real.

Se, em *Cultura e opulência do Brasil*, o escravo é desumanizado, aparecendo fragmentado e decomposto — ora denominado de “peça”, ora de “as mãos e os pés do senhor de engenho” — o açúcar apresenta-se humana e, até mesmo, divinamente martirizado, sendo abençoado por isso. Se em algum momento de sua obra Antonil se aproximou das reflexões mais teológicas dos sermões de Vieira, ele o fez justamente neste capítulo sobre os “padecimentos” santificadores da cana. Mas, diferentemente do jesuíta português, preocupado com a *conversão* do africano em escravo cristão, o “Anônimo Toscano” dirigiu sua mais refinada elaboração à mercadoria, usando da analogia bíblica para criar um outro tipo de exegese: a *teologia do açúcar*. ☪

Eduardo Spiller Pena, doutor em História e sócio fundador de Koinonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONRAD, Robert E. *Children of God's Fire*. 1983.
EWBANK, Thomas. *Life in Brazil*. 1856.
ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. 1982.
SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 1986.

Memorativo

Eliseu Lopes

A palavra do autor parece um filme que você, ao começar a ler, encaixa no videocassete e faz desfilar na tela "piquetes" (descubra o que são) e fatos históricos. "Veja" as peripécias de dom Hélder no Vaticano II. Relembre alguns perseguidos e torturados pela ditadura (geratriz de todas as violências que sofremos agora). Note quando ele fala do próprio casamento. "Veja", saudosamente, desfilar os bispos-profetas "escanteados para a emeritade". Por fim, "assista" ao protesto e à proposta que faz aos bispos de como deveriam celebrar os 500 anos brasileiros

Cinco séculos de miscigenação circulam nas minhas veias. Milênios latejam nos meus nervos. Milhões de anos estão registrados na memória genética. Nesse turbilhonante cenário, meus oitenta anos de existência chegarão a ser um clique? O tempo é mágico e elástico. Quando algum amigo distante me telefona, parece que nos vimos ontem, parece que faz um século que não nos vemos. A presença no coração abrevia o tempo. A ausência dos olhos o espicha. Assim acontece com as lembranças guardadas na memória.

Parece que foi ontem. Eu tinha dez anos. Meu irmão João Maurício, já adulto, munido de um teodolito, fez um levantamento topográfico na nossa fazendinha do Desterro, em vista da construção de um açude. Tio Mozart era o portador da "mira". Nós, os pirralhos, encarregados de fincar os "piquetes". A vida inteira não tenho feito outra coisa senão demarcar com piquetes o terreno da memória. Eis por que me disponho a percorrê-la um pouco tendo a Igreja como mira.

1920

Até os 13 anos, o que era Igreja para mim? A matriz da Conceição em Pacoti, a sucursal do Senhor do Bonfim em Pernambuquinho, a capela de Santa Teresinha na Botija, os oratórios das fazendas Paca e Uruguaiana. Era onde íamos esporadicamente cumprir nossos "deveres religiosos". A reza diária do terço e outras orações não eram dever mas rotina. Ficava na órbita da Casa e não da Igreja. Igreja tinha de ser coisa de padre.

1930

No dia 8 de fevereiro de 1933, com 13 anos e 3 meses, entrei no seminário da Prainha em Fortaleza. Meus irmãos Stênio e Francinet já estavam nos seminários do Caraça, na longínqua Minas Gerais e de São Luís do Maranhão. Minha mãe, professora da "Escola Isolada do Bananal" preocupava-se com a educação dos filhos. Conchavou com o vigário para conseguir bolsas da "Obra das Vocações Sacerdotais", única possibilidade de continuarmos o estudo. Não o fez por esperteza. Ter padres na família era o seu maior sonho. Para nós, meninos da roça, ser padre era a maior aspiração.

O seminário foi outro mundo para mim. Prédio e não casa. Luz elétrica e não lamparina. Água de torneira e não água de pote. Sanitário e não mato. Cama e não rede. Sapato e não pé no chão ou no chinelo. Batina e não calça curta. Regulamento e não liberdade. Mudança tão abrupta favoreceu a adaptação. De repente virei outro, patenteado de candidato ao sacerdócio. Igreja passou a ser o meu ambiente.

Não é fácil selecionar lembranças que mereçam evocação. Usando o estatutagem do piquete, escolho Hélder Câmara como o piquete da década.

Era um jovem padre franzino, irrequieto, empolgante, agitador. Integralista, aparecia no seminário sobrando o diário estadual *A Razão* e o semanário nacional *A Ofensiva*. A "Ação Integralista" parecia a única muralha capaz de deter o avanço do comunismo no qual, para escândalo

dos católicos, militava a ex-filha de Maria, Raquel de Queiroz.

Padre Hélder entrou de ponta-cabeça na campanha eleitoral da chapa da Liga Eleitoral Católica (LEC) que foi vitoriosa. Nomeado Secretário da Educação, não se ajustou aos malabarismos da política e se exonerou alguns meses depois, contrariando o governador e o arcebispo. Este praticamente o expulsou da Arquidiocese. Acolhido pelo lúcido Cardeal Leme, encontrou no Rio de Janeiro a pista de decolagem: responsável da Catequese, Assistente Nacional da Ação Católica, Bispo Auxiliar, Fundador da Cruzada São Sebastião, do Banco e da Feira da Providência, articulador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), incentivador do engajamento político dos cristãos, apoiador das Reformas de Base.

Sua atuação no Concílio Vaticano II foi decisiva. Conseguiu alojar os bispos brasileiros na *Domus Mariae*, contribuindo para sua coesão, pois antes, dispersos, nem se conheciam. Desenvolveu intensa atividade de bastidores. Um exemplo: em 1964, houve uma forte pressão da ala conservadora para encerrar o Concílio com a 3a Sessão. Alegavam que o Concílio manietava o novo papa, Paulo VI; a ausência prolongada das dioceses estava afetando o bom andamento da Pastoral; já estavam promulgadas as Constituições axiais sobre a Igreja e sobre a Liturgia. Foi convocada uma reunião "extra" para decidir. Discussão acirrada, dom Hélder sentiu que, se houves-

O governo brasileiro impediu que dom Hélder fosse agraciado com o prêmio Nobel da Paz. A burocracia romana impediu que fosse honrado com o cardinalato. Mas o papa João Paulo II, ao abraçá-lo, proclamou-o o "Arcebispo dos Pobres"

se votação, a proposta abreviatória tinha chance de ganhar. Com o ar mais inocente do mundo, propôs uma pausa para o "cafézinho", proposta acolhida com aplausos. No intervalo, reuniu seus comparsas, acertaram uma estratégia para captar os votos dos indecisos e dom Fernando Gomes, orador vigoroso, foi escolhido para porta-voz do grupo. Com a fala de dom Fernando, a situação se inverteu e foi garantida a 4a Sessão, a mais fecunda. Nela, foram votadas as constituições sobre a Igreja no Mundo Atual e sobre a Divina Revelação, seis dos nove Decretos e as três Declarações. Essa manobra foi relatada pelo próprio dom Hélder em uma das cartas

Arquivo KOINONIA



D. Hélder Câmara

diárias que escrevia para sua equipe, por ele chamada de "Família Mecejaneense".

Tudo isso é pouco, diante do testemunho (martírio) de dom Hélder durante a ditadura militar. Quando foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife, pouco antes do Golpe, a imprensa conservadora alarmava a população, apontando o perigo da coalizão "vermelha" do novo arcebispo e do governador de Pernambuco. Não quis residir no palácio arquiépiscopal e alojou-se nas dependências da obscura igreja da Fronteira. Censurado, atacado, caluniado, ameaçado, nunca aceitou a garantia de seguranças. Moveu-se livremente no Recife, no Brasil e no Exterior. Investiu toda a sua energia na ajuda aos pobres, na defesa dos Direitos Humanos e na denúncia do arbítrio institucionalizado. O Governo Brasileiro impediu que fosse agraciado com o prêmio Nobel da Paz. A burocracia romana impediu que fosse honrado com o Cardinalato. Mas o Papa João Paulo II, ao abraçá-lo, proclamou-o o "Arcebispo dos Pobres".

1940

Sou clérigo, homem de Igreja. Época conflitiva, tenho de tomar partido. Na

Gostaria que a celebração dos 500 anos fosse uma celebração penitencial, uma imensa procissão encabeçada pelos bispos — que estarão reunidos em Assembléia em Porto Seguro — com as vestes cobertas de cinza e a cabeça encapuzada de saco como na conversão de Nínive (Jonas 3.5-6)

Igreja, entre Renovação e Integrismo. Na política, entre Democracia e Fascismo. O piquete da década vejo no Pe. Lage Pessoa, contemporâneo no Seminário Santa Teresa na Bahia.

Padre Lage trazia a revolução no sangue. No seminário lazarista, protestou contra uma palestra inconveniente do Prefeito dos Estudantes, foi preterido do diaconato e exilado para o seminário de Mariana. Na Bahia, liderou o saneamento do seminário, entrou em choque com o Arcebispo. Transferido para Belo Horizonte, foi assistente da fervilhante “Vila dos Marmiteiros” e depois vigário da Floresta. Sempre batalhou pelos direitos dos pobres, estimulou suas organizações, chegando a tomar a frente de movimentos grevistas. Engajou-se na Ação Popular. Foi responsável pela implantação dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais no governo João Goulart. Preso pela ditadura, estava em liberdade condicional quando foi condenado a mais de vinte anos de prisão. Asilou-se na embaixada do México para onde viajou depois, ficando uns trinta anos no exílio. Decepcionado com a dubiedade das autoridades eclesásticas, desligou-se do sacerdócio e da Igreja. Seu livro autobiográfico “O padre do Diabo” é



Arquivo KOINONIA

D. Tomás Balduino

um documento convincente. Voltando depois da anistia, militou na política e morreu como vereador pelo Partido dos Trabalhadores.

1950

Pio XII abriu horizontes com suas encíclicas sobre o Corpo Místico e a Liturgia e suas memoráveis alocuções do Natal. Os movimentos de Renovação se fortaleciam. Para mim, o piquete saliente desta década foi frei Mateus Rocha.

Frei Mateus precedeu-me na transição de lazarista para dominicano. Regressando da França onde estudou e recebeu o presbiterato, foi para o convento de Belo Horizonte. Com grande ímpeto apostólico, fundou a Juventude Estudantil Católica (JEC), “O Evangelho no Colégio”, título do primeiro livro que publicou. Muito jovem, foi eleito Prior do Convento e logo depois Provincial. Nas suas palavras e nas suas atitudes, o Evangelho recebia a vibração de uma atual e autêntica Boa-Nova. Sua paixão por Jesus Cristo era contagiante. Empe-

nhou-se com afã em atrair vocações para a Ordem Dominicana.

Darcy Ribeiro, fundador da Universidade de Brasília, “não uma nova universidade mas uma universidade nova”, viu nele a pessoa talhada para implantar o Instituto Teológico, convidou-o para o Conselho da Universidade que o elegeu Vice-Reitor. Iniciou a construção de um futuro Studium, cuja planta foi feita por Oscar Niemeyer. Depois do Golpe Militar, isolou-se, desdobrou-se em ajudar as pessoas acossadas, fez críticas abertas e públicas ao regime. Desalentado com o rumo dos acontecimentos, refugiou-se numa pequena fazenda em Abadiânia que significativamente chamou de “Beira”, onde tentava acompanhar o ritmo de vida dos vizinhos lavradores, seus novos amigos. Fruto de seus estudos e meditações, concebeu o “Projeto Emaús”, um espaço de acolhimento. De convivência, de reflexão, de diálogo, de oração onde se respirasse um ar puro, material e espiritualmente despoluído.

Chamado a dirigir a Província Do-

minicana, aceitou com muito sacrifício. Reeleito para um segundo mandato, quando podia voltar a Abadiânia. Lá estive com ele três dias antes do acidente fatal. Estava muito bem, muito alegre, muito bem humorado, “como um botão de rosa túmido, prestes a desabrochar e nós não sabíamos”, como disse uma amiga. Meses depois, participei de uma reunião com seus



Carlos Mesters

vizinhos para resgatar sua memória. Disse Dona Maria: “Eu estava no tanque lavando roupa, quando minha filha gritou que o rádio estava dando a notícia da morte do frei Mateus. Dei um pulo pra riba, caí no chão chorando e o mundo virou noite”.

1960

Marco da década: o Papa João XXIII e o Concílio Vaticano II. Está dito e pronto!

1970

Vivi-a na Diocese de Goiás e, na minha lembrança, é dominada por duas pessoas: Dom Tomás Balduino e Jether Ramalho. Dom Tomás foi o bis-

po que tomou a sério a “Opção pelos Pobres” e imprimiu essa marca em toda a Pastoral da Diocese.

Jether Ramalho, através do CEDI e notadamente através do Carlos Rodrigues Brandão, prestou uma valiosa assessoria à Diocese.

Foi na década de 1970 e na Diocese de Goiás que Deus me concedeu a graça do casamento com Vera Lúcia. O nascimento de João e Isabel e posteriormente de Marcos valeu para nós como o Decreto Divino, definitivo e irrevogável de aprovação do nosso casamento.

1980

A figura em projeção da década é Frei Carlos Mesters, fundador do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI). Nos seus vinte anos de existência, o Centro de Estudos Bíblicos que promove uma leitura popular, comunitária, ecumênica e militante da Bíblia já se alastrou por todo o país, atravessou as fronteiras e se espalhou pela América Afro-Latíndia e o Caribe. Lançou tentáculos na Europa e na África.

Hoje não se pode mais dizer que a Bíblia é um “livro fechado” para os católicos e nem que é feudo de alguma igreja.

1990

Uma década atípica. Quase todos os bispos que hastearam a flâmula “profética” durante a Ditadura foram escanteados para a “emeritudo”: Paulo Evaristo Arns, José Maria Pires, Adriano Hipólito, Antônio Frago, Tomás Balduino, Waldyr Calheiros... O pontificado de João Paulo II se tem caracterizado pela retomada de fôlego da Cúria Romana e o retorno à grande disciplina tridentina. Cenário desértico de pouca altitude. Ocorre-me a figura de dom Lucas Moreira Neves, “Não foi ele que se elevou. É que em

torno dele se fez uma depressão profunda”, como escreveu Euclides da Cunha sobre Floriano Peixoto.

Conheci-o de perto. Foi meu superior como sub-mestre do noviciado. Fui seu superior como Prior do convento do Rio de Janeiro. Acompanhei sua ascensão ao episcopado. Não decolou como dom Hélder. Fez carreira. Escalando postos, é hoje o poderoso presidente da Congregação dos Bispos, o cargo mais cobiçado da Cúria Romana. Foi antes Cardeal Primaz da Bahia e Presidente da CNBB.

Devo confessar que o estimo e respeito, reconhecendo-lhe o talento. Mas minha opinião sincera é de que ele é um monumento de mediocridade. Nada em desabono porque, segundo Chesterton “são os medíocres e não os gênios que fazem a História”.

CONCLUINDO...

Triste história se pensarmos nos cinco séculos que transcorreram depois que os portugueses aportaram em nossas terras. Sintô alergia quando vejo a propaganda das comemorações dos 500 anos na TV Globo. Talvez seja reação da dose de sangue indígena e da dose de sangue negro que correm nas minhas artérias.

Gostaria que a celebração dos 500 anos fosse uma celebração penitencial da Igreja Católica Romana, que se acumpliciou com o genocídio das nações indígenas e com a escravidão dos povos negros. Uma grande celebração penitencial, uma imensa procissão encabeçada pelos Bispos — que estarão reunidos em Assembléia em Porto Seguro — com as vestes cobertas de cinza e a cabeça encapuzada de saco como na conversão de Nínive (Jonas 3, 5-6). ☒

Eliseu Lopes, teólogo, padre casado e fundador do CEBI.

Religião, biografia e conversão: escolhas e mudanças

Reginaldo Prandi

Religiões descartáveis se oferecem a uma pluralidade de escolhas em expansão constante. De um lado a busca de referenciais para a vida; de outro, as religiões questionadas seja pelas exigências cada vez maiores das pessoas, seja pela lei da concorrência com grupos religiosos a oferecerem maior quantidade de bens simbólicos, seja pelas tentativas de fixarem os que buscam na igreja pequenos favores, a fim de não saírem

PESSOAS MUDAM, RELIGIÕES MUDAM

A religião que se professa hoje já não é aquela na qual se nasce, mas a que se escolhe. A religião que alguém elege para si hoje, escolhida de uma pluralidade em permanente expansão, também não é necessariamente mais a que seguirá amanhã. O religioso é agora um ser pouco fiel. Mais de um quar-

to da população adulta da região metropolitana de São Paulo professa hoje religião diferente daquela em que nasceu, são convertidos, muitos tendo experimentado sucessivas opções (Prandi, 1996).

Houve tempo em que a mudança de religião representava uma ruptura social e cultural, além de ruptura com a própria biografia, com adesão a novos valores, mudança de visão de mundo, adoção de novos modelos de conduta etc. A conversão era um drama, pessoal e familiar, representava uma mudança drástica de vida. O que significa hoje mudar de religião, quando a mudança religiosa parece não comover ninguém, como se mudar de religião fosse já um direito líquido e certo daquele que se transformou numa espécie de consumidor, consumidor religioso, como já se chamou esse converso (Pierucci, 1996)?

As mais díspares religiões, assim, surgem nas biografias dos adeptos como alternativas que se podem pôr de lado facilmente, que se podem abandonar a uma primeira experiência de insatisfação ou desafeto, a uma mínima decepção. São inesgotáveis as possibilidades de opção, intensa a competição entre elas, fraca sua capacidade de dar a última palavra. A religião de hoje é a religião da mudança rápida, da lealdade pequena, do compromisso descartável.

Não somente o crente muda de um credo para outro, desta para aquela igreja. As religiões mudam também e

mudam muito rapidamente, muitas vezes as transformações apontam para um outro público-alvo, visando alcançar clientela anteriormente fora do alcance de sua mensagem. É verdade que a religião muda a reboque da sociedade, sobretudo no que diz respeito aos modelos de conduta que prega e valores que propaga, frequentemente adaptando-se a transformações sociais e culturais já plenamente em curso, num esforço para não perder o trem da história, como tem ocorrido especialmente com a Igreja Católica Romana.

Hoje provavelmente muitas das mudanças contemplam não especificamente a sociedade em transformação, mas o conjunto das diferentes religiões que se oferecem como alternativas sacrais, o que significa que a religião muda para poder melhor competir com as outras crenças em termos da adesão de fiéis e não em razão de se pôr numa posição axiológica mais compatível com os avanços da sociedade, embora isso também possa ser importante e às vezes pressuposto na dinâmica do próprio mercado religioso. Posições anteriormente alcançadas, tanto no plano da filosofia religiosa como no das consequências políticas e de orientação na vida cotidiana, que derivam dos valores então assumidos, podem ser completamente abandonadas, com a busca de novos modelos que possam melhor apetrechar aquela religião na concorrência com as demais. Igrejas e denominações cindem-se, ampliando ainda

mais a oferta, outras apresentam faces múltiplas, mantendo a unidade institucional, mas sendo capazes de atender a demandas diferenciadas a partir de mensagens diferentes e dos movimentos particulares, embora gostem de advogar que a diversidade que contemplam e produzem repousa em verdades teológicas únicas.

Evidentemente, o pluralismo que motiva e reforça a diversidade religiosa não se encontra somente no âmbito dos crentes seguidores, os consumidores de religião, mas instala-se no interior da própria organização religiosa, desde tempos imemoriais, é claro. Mudanças internas da religião não significam necessariamente um perigo para a sua sobrevivência institucional, não implicam separação e ruptura. Ao contrário, quem não muda não sobrevive. Interesses vários podem então ser exercitados com maior liberdade, numa competição interna cujo sucesso se mede não pelos alcances teológicos possíveis, mas pela adesão de crentes. A própria carreira sacerdotal se vê compelida a incorporar novas habilidades, como aquelas até bem pouco mais apropriadas aos homens de negócios e mais marcadamente atributivas de artistas, ginastas e estrelas de TV, entre outras qualidades. Mesmo em religiões severamente consolidadas em termos de organização sacerdotal e obrigações hierárquicas, surgem novos horizontes de mobilidade social baseada na capacidade pessoal de inovação e empreendimento do sacerdote. Nas grandes igrejas, muitas das quais atuam como conglomerados empresariais de acumulação econômica internacional, assim como nas religiões em que a unidade administrativa e sacerdotal é reduzida, fraca ou inexistente, como ocorre em todo o segmento afro-brasileiro, em muitas das correntes evangélicas e no conjun-

to das práticas esotéricas, o sucesso do líder religioso, e por conseguinte da sua religião ou modalidade religiosa, depende da sua capacidade de atrair devotos e clientes e gerar renda necessária à expansão daquela denominação.

Tanta oferta, que é crescente, depende de demanda grande e diversificada. Aquilo que se entende por religião deve contemplar necessidades, gostos e expectativas que escapam às velhas definições da religião, surgindo as mais inusitadas formas de acesso ao sagrado e sua manipulação mágica, como ocorre com muita propriedade no vasto e pouco definido universo do esoterismo.

RAZÕES DAS MUDANÇAS

Experimentar novos sentimentos e formas da religião, contudo, não significa necessariamente mudar de religião. Não é preciso sair da religião de origem para provar da mudança religiosa. Um católico nos seus cinquenta e poucos anos pode ter conhecido, continuando sempre católico, muitas formas assumidas pelo catolicismo em meio século, formas que enfatizam, às vezes conflituosamente, dimensões especiais do mundo em que vive o católico, dotando-o de valores e modelos de ação orientados para esta ou aquela ênfase. Embora as verdades religiosas básicas permaneçam inalteradas, há muito espaço para mudanças, inovações, com avanços e retrocessos, e parece que são as questões subsidiárias ou acessórias que de fato chamam a atenção dos interessados em religião.

Nosso católico cinquentão foi criado num catolicismo que rezava em latim, com o padre de costas para a assembleia, que ouvia os pecados em confissão auricular, obrigava ao jejum antes da comunhão e proibia o consumo de carne às sextas-feiras e na quaresma, cobria a cabeça das mulheres

no interior dos templos (as solteiras com véu branco, as casadas e viúvas com véu preto), povoava os altares com imagens de santos, separava homens e mulheres dentro das igrejas, homens de um lado, mulheres do outro. Com o concílio Vaticano II, aberto em Roma por João XXIII, em 1962, e encerrado por Paulo VI, em 1965, com o objetivo de promover a atualização da igreja diante do mundo moderno, muitas mudanças foram introduzidas no catolicismo, muitas delas não diretamente alteradas por orientação oficial, mas como resultado da própria onda que levantava a igreja para uma nova posição ritual e doutri-



nária, então interessada em estabelecer uma nova relação com a sociedade, fazendo-se mais presente nas questões do dia-a-dia e nas injunções sociais e políticas, uma vez que buscava exatamente, através do *aggiornamento*, recuperar a importância perdida no curso da secularização.

Entre essas modificações podemos citar: a instituição da missa rezada nas línguas vernáculas, com o padre de frente para a assembleia, usando paramentos simplificados; a abolição do púlpito, para falar do altar, no mesmo plano da assembleia, em igrejas de altares desprovidos de imagens de santos; a adoção da confissão coletiva e

O que significa hoje mudar de religião, quando a mudança religiosa parece não comover ninguém, como se mudar de religião fosse já um direito líquido e certo daquele que se transformou numa espécie de consumidor, consumidor religioso, como já se chamou esse converso?

da comunhão em que a hóstia é levada à boca pelas mãos do próprio devoto, abolindo-se a mesa de comunhão, podendo o leigo, tanto o homem como a mulher, ajudar a administrar a eucaristia, assim como outros sacramentos; a introdução de cursos de batizado, casamento, crisma etc., como etapa formativa dos padrinhos e demais envolvidos nos ritos de passagem; o surgimento dos padres vestidos a paisana, abandonando-se a batina; a não mais separação de homens e mulheres na igreja, não cobrindo-se mais de véu a cabeça das mulheres; a perda de importância das procissões e outros ritos; a retirada do calendário litúrgico de santos muito populares, como São Jorge e Santa Bárbara; a redobrada ênfase na palavra e no compromisso moral, com o abandono definitivo do milagre, destacando-se os aspectos doutrinários em detrimento da dimensão ritual. Tudo isso veio compor uma religião muito diferente, especialmente desencantada, nem sempre palatável ao gosto dos católicos, sobretudo os mais velhos, tanto que algumas inovações duraram pouco, tendo as imagens dos santos, por exemplo, rapidamente deixado seu exílio nas sacristias para ocupar de novo seus postos nos altares. Mas as principais inovações implementadas consolidaram-se de tal

modo que dificilmente um católico hoje com seus vinte ou trinta anos de idade reconheceria como sua a religião das paróquias do período imediatamente pré-conciliar.

Esta religião não estava mais sozinha no Brasil, tendo que se enfrentar, sobretudo a partir de 1950, com uma enormidade de concorrentes agrupados nos ramos pentecostais e afro-brasileiros, cujas denominações e variantes não pararam nunca de crescer e de se expandir. O catolicismo também mudou a fim de não perder terreno para as outras religiões, embora, pelo menos nessa etapa, tenha perdido muitos de seus seguidores exatamente por mudar, deixando o católico ante uma religião nova, na qual não é capaz de se reconhecer, impelido a novas escolhas.

A partir dessas mudanças, que visavam recuperar para o catolicismo a condição de principal interlocutor das mudanças sociais, nasce na América Latina o catolicismo da teologia da libertação e das comunidades eclesiais de base, para o qual ser cristão passou a significar ser capaz de agir militantemente na sociedade com o fim de a tornar socialmente mais justa. O bom católico é aquele que se preocupa com as condições sociais de vida dos oprimidos, é aquele que se organiza e luta em nome de Deus para suprimir os mecanismos sociais de exploração, é aquele que usa a palavra de Deus para mudar o mundo através da ação política. A assembléia da missa transmuta-se na assembléia dos cidadãos, os ritos e os sacramentos reconstituem-se em exercícios de conscientização coletiva, a religião se politiza e se desinteressa das pequenas e subjetivas causas dos indivíduos. A Igreja Católica Romana se dividiu em progressistas e conservadores, num corte emblematicamente político.

Outras inovações importantes marcariam o catolicismo na segunda metade do século XX, mudando completamente sua feição no Brasil e oferecendo nova possibilidade de escolha para muitos descontentes. Com a Renovação Carismática, o catolicismo banuiu as preocupações de natureza política, recuperou a importância do indivíduo, revalorizou os sacramentos rituais, a oração e o culto mariano, instalou um culto fortemente marcado pela expansão das emoções, revigorou o milagre, recuperou a magia que processa a cura religiosa, adotou a manipulação dos efeitos mágicos e sentimentais dos dons do Espírito Santo, tão centrais na doutrina e no rito dos concorrentes evangélicos pentecostais, assumindo, mesmo, o transe, tão constitutivo do kardecismo e das religiões afro-brasileiras e fundamental entre os pentecostais na exteriorização do dom das línguas, agora marca igualmente pentecostal e católica. Os grupos carismáticos de oração repovoaram as igrejas, motivando católicos desinteressados dos catolicismos sociais e desritualizados e trazendo de volta muitos que tinham saído da religião de origem para experimentar outras modalidades religiosas (Prandi, 1997).

Em pouco tempo os reservados grupos de oração do catolicismo carismático foram ganhando espaços mais amplos e se fazendo mais visíveis. O carismatismo despontou explosivamente na mídia eletrônica pelo carisma do padre-espetáculo. Se a igreja católica havia recuperado com a renovação carismática muito do espaço perdido ou a perder, o poder dos sacerdotes havia sido inequivocamente deslocado pela autoridade conquistada pelas lideranças leigas. O movimento podia assim crescer mesmo onde não encontrava apoio do pároco. Mas, antes do apagar das luzes do sé-

culo XX, o catolicismo carismático sofreu nova inflexão, com o surgimento de sacerdotes capazes de transformar a celebração da missa em grandes espetáculos de massa, com farta exploração das emoções orientadas pelo canto, dança e mesmo ginástica, numa coreografia religiosa que dá relevo especial ao corpo, num contexto ideológico já suficientemente focado no indivíduo e nas questões pessoais. A música católica alcançou as paradas de sucesso e o padre-espetáculo virou estrela de programas de televisão de elevada audiência, audiência que a presença do padre só fazia crescer. Nesse movimento pode-se imaginar o leigo voltando a ocupar seu lugar subalterno e secundário, a igreja retomando assim o controle da religião nas mãos de seus profissionais: os padres, cujo modelo agora é outro e cuja formação implica maior dedicação ao corpo e a suas habilidades de expressão, como o canto e a dança, e menor necessidade de aprimoramento filosófico, teológico, lingüístico e mesmo cultural, apatnágio da formação dos sacerdotes católicos até bem pouco. A introdução da nova maneira católica de promover a expansão das emoções e fruição coletiva de sensações, sob a regência do padre que arrebatava multidões nas grandes missas-espetáculo, torna ocioso o uso dos dons de transe, livrando o catolicismo do constrangedor, ainda que proveitoso, empréstimo glossolálico tomado do pentecostalismo pelo movimento carismático como mecanismo de celebração emocional do sagrado. Talvez sem a necessidade de apelar ao dom sobrenatural de falar em línguas desconhecidas, o catolicismo se sintamais catolicismo.

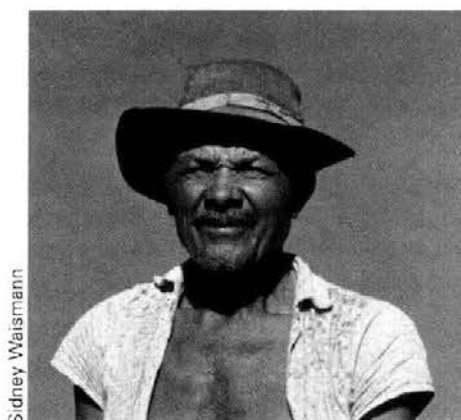
HISTÓRIAS DE VIDA

Assim, é difícil imaginar que um católico possa, em diferentes e às vezes

curtos períodos de sua vida, deixar de perceber e se contaminar com as variações que sua religião é capaz de lhe oferecer. Muitas histórias-de-vida mostram exatamente como diferentes vertentes religiosas ou versões de uma mesma religião podem se sobressair em face de diferentes momentos por que passa o indivíduo em sua trajetória, momentos que se associam a aspectos positivos ou negativos da carreira familiar e profissional, das condições de saúde, das experiências afetivas, das referências de reconhecimento social e identidade. Vivemos numa sociedade em que já é quase infindável o repertório de religiões que

nos dias de hoje. Como podemos apreciar em algumas breves histórias a seguir relatadas, colhidas por mim ao longo de muitos anos de pesquisa de campo sobre as alternativas sacrais e mágicas.

AUGUSTA: DE CATÓLICA A COZINHEIRA DOS DEUSES — Foi criada católica e às vezes acompanhava a mãe em suas consultas a um caboclo num terreiro de umbanda. Numa das visitas passou mal e a mãe-de-santo a orientou para iniciar-se na umbanda como médium. A família não se opôs e Augusta passou a frequentar o terreiro. Com o tempo começou a trabalhar em sessões de



Sidney Waismann

se oferecem à livre escolha dos adeptos. Entre estes há os que estão desejosos de respostas imediatas e simples a seus constrangimentos de vida; e os que estão ansiosos por soluções sobrenaturais para problemas que, imaginasse, fogem ao alcance de profissionais e instituições envolvidas com as coisas deste mundo, isto é, práticas fundadas na ciência e no pensamento laico. Numa sociedade assim, as histórias devida mostram diferentes religiões, não raro irreconciliáveis entre si, formando um emaranhado de caminhos, buscas e encontros que são particulares para cada indivíduo, mas que nos falam muito da serventia da religião



J. R. Ripper

quimbanda, recebendo em transe um exu que acabou tornando-se bastante popular no bairro. Mas o namoro com Paulo tornou menos frequente sua participação nas giras. Com o casamento, interrompeu completamente a atividade umbandista e voltou às missas dominicais, que, aliás, nunca deixara completamente. Passou a fazer parte de um grupo pastoral da paróquia, que cuidava de meninos de rua, e foi criando os três filhos. Com o marido veio a frequentar a comunidade eclesial de base de seu bairro e logo estava bas-

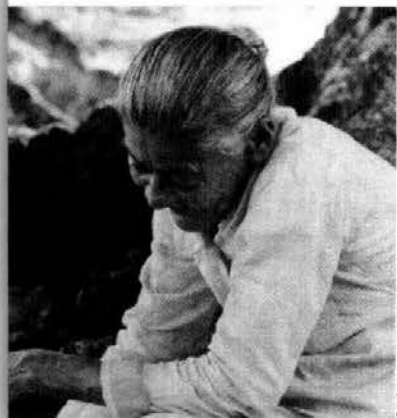
tante envolvida em atividades de mobilização. Seu esforço rendeu ao bairro a construção de uma creche, mas nunca se sentiu parte da liderança, preferindo fazer a tarefa miúda de ir atrás das pessoas, conversar e ajudar a preparar as reuniões, diz. Os filhos de Augusta cresceram e se engajaram no catolicismo da mãe, participando de cursos e congressos da teologia da libertação. Então o filho mais velho se casou e mudou para o interior de São Paulo. O outro filho desinteressou-se completamente da religião, mais ocupado com a carreira de engenheiro. A filha ingressou num curso de pós-graduação e passou a frequentar um ter-

reio de candomblé para fazer a pesquisa de mestrado. Augusta passava por uma fase difícil, sentindo-se sozinha, agora com os filhos criados e cuidando de suas próprias vidas. Com o marido pouco falava e a comunidade eclesial estava completamente esvaziada, sendo que a maioria dos seus participantes tinha saído, alguns optando por grupos carismáticos de oração, outros indo à igreja só para as missas. Como na juventude, voltou a ser atormentada por desmaios e perda momentânea da consciência. Queixava-se

com o padre, que brincava com ela e dizia que seu caso era o de uma boa terapia. Num dia de festa para o orixá Omulu, Augusta foi levada ao candomblé pela filha, já que poderia se distrair com a beleza da celebração. No encerramento do ritual, quando se cantava para Oxalá, os que assistiam sentados foram convidados para dançar junto com os membros do terreiro e os orixás incorporados. Augusta entrou timidamente na roda-de-santo e mal deu poucos passos: caiu no chão num transe catatônico, informe, expressivo de sua condição. Augusta "bolou no santo". Socorrida pelo pessoal do terreiro, foi levada para dentro ainda des-

sertos nas instalações do terreiro. Augusta foi escolhida para ser a iabassê, a cozinheira dos deuses, e preparava ansiosamente a festa de sua investidura no cargo, quando terá como convidados especiais os filhos e os netos.

LÚCIA: DEIXOU (E NÃO) A UMBANDA PARA SER EVANGÉLICA — Sempre viveu numa pequena cidade do interior. Muito doente quando menina, desenganada pela medicina, foi levada pela família a dezenas de lugares, igrejas, centros, até encontrar a cura na umbanda. Fez-se mãe-de-santo e teve seu próprio terreiro por toda a vida. Dos filhos, só a acompanhava o mais novo, que tocava atabaque e a acolitava em todos os cerimoniais. O resto da família era de católicos, até que, um a um, foram todos entrando para a Congregação Cristã no Brasil, menos o marido, que continuou indo à igreja católica. Já perto dos setenta anos, Mãe Lúcia perdeu o marido e o filho caçula num acidente de carro. Cardíaca e hipertensa, foi reduzindo as atividades do terreiro e seus poucos filhos-de-santo foram procurando outros locais de culto. Os filhos e noras procuravam convencê-la a fechar o terreiro e a morar com um deles. Ela resistiu algum tempo, mas, sentindo-se fraca e sozinha, anunciou que abandonaria a umbanda e se faria batizar na igreja pentecostal dos filhos, embora preferisse ficar morando em sua casa, agora muito grande sem as atividades umbandistas. Com a ajuda da família, ela desmontou o terreiro e deu fim aos objetos rituais. Com o aluguel de parte da casa, garantiu sua independência financeira. Quando foi batizada na Congregação Cristã, os filhos promoveram uma grande festa, durante a qual Dona Lúcia não se cansava de dizer que nunca tinha se sentido tão feliz e tão perto de Deus como naquele dia. Nas semanas seguintes



Sidney Waismann



Arquivo GTME

reio de candomblé para fazer a pesquisa de mestrado. Augusta passava por uma fase difícil, sentindo-se sozinha, agora com os filhos criados e cuidando de suas próprias vidas. Com o marido pouco falava e a comunidade eclesial estava completamente esvaziada, sendo que a maioria dos seus participantes tinha saído, alguns optando por grupos carismáticos de oração, outros indo à igreja só para as missas. Como na juventude, voltou a ser atormentada por desmaios e perda momentânea da consciência. Queixava-se

maiada, coberta por um pano branco. Contou depois que Omulu era o seu orixá, desde os tempos da umbanda. Passou a frequentar o terreiro e logo se sentiu bem melhor, tendo feito muitas amizades novas, aprendendo com dedicação as inúmeras atividades rituais, especialmente a de preparar as comidas votivas dos orixás. Seis meses depois daquela primeira visita, Augusta foi raspada para Omulu, iniciada no candomblé. Seu marido a acompanha e dizem que vai acabar sendo escolhido pelos orixás para ser um ogã do terreiro. Ele é um encanador-eletricista aposentado e está muito feliz em poder fazer todas as reparações e con-

Com a Renovação Carismática, o catolicismo banuiu as preocupações de natureza política, recuperou a importância do indivíduo, revalorizou os sacramentos rituais, a oração e o culto mariano, instalou um culto fortemente marcado pela expansão das emoções, revigorou o milagre

freqüentou a igreja com inescandível alegria e dedicação. Meses depois, faleceu repentinamente de um ataque do coração. Quando a família foi arrumar suas coisas, encontrou num pequeno quarto todos os assentamentos dos santos e muitos objetos sagrados do terreiro, que se pensava terem sido despachados.

HELENA: DE CATÓLICA NOMINAL A CATÓLICA CARISMÁTICA — Dedicava hoje quase todo seu tempo ao catolicismo, mas a religião teve pequena importância na maior parte de sua vida. Embora sua família e a do marido fossem católicas, só ia à igreja para casamentos, batizados e missas de sétimo dia. Morando numa pequena cidade do interior, ela mesma casou-se na igreja e batizou os filhos, como faziam todos os demais moradores locais, ou quase todos. Às vezes ia à missa vespertina de domingo para acompanhar uma irmã mais nova que era muito católica. Mas só. Sempre cuidou da casa, do marido e dos três filhos, não tinha outra ocupação. Helena ficou viúva cedo, mas os filhos já eram suficientemente adultos para tocar os negócios da família e, quando se casaram, Helena não sabia mais em que se ocupar para preencher o tempo. Não gostava de ir muito amiúde à

casa dos filhos, pouco se dando com as noras. Levada pela irmã, conheceu um grupo carismático católico de oração que se reunia todas as tardes de segunda e quinta-feira para sessões de cura. Foi recebida com carinho pelos dois líderes leigos locais, um casal com quem tinha cursado a escola secundária. Mulher de classe média, passou a se ocupar com essas tardes carismáticas e com a sessão noturna dedicada à oração e logo se transformou numa pessoa importante para o grupo. Quando a conheci, disse que estava para ter a experiência do dom das línguas e que, neste sentido, estava sendo muito ajudada pelos dois velhos amigos que reencontrara depois de tanto tempo. De fato, Helena foi agraciada com esse dom do Espírito Santo e com muitos outros, e foi encarregada de fundar outro grupo de oração, missão que empreendeu com toda a dedicação e entusiasmo. Hoje quase não tem tempo de cuidar da casa e visita mais raramente os filhos e netos. Além de comparecer ao grupo original, tem que cuidar do seu, que se transformou num grande sucesso na vida dela e na da igreja local. Tornou-se grande amiga e colaboradora do pároco e organiza as grandes missas carismáticas celebradas regularmente no ginásio de esportes municipal. Só lamenta que o casal que a recebeu de volta na religião anda um pouco afastado dela, por certo enciumado de suas conquistas. Diz que sempre foi muito católica, graças a Deus.

HENRIQUE: ASSALTANTE, ENCARCERADO, DOENTE PENTECOSTAL — Acredita que Deus mudou sua vida. Ainda é um homem pobre, mas um pobre digno, como diz. Filho de migrantes nordestinos, teve sempre uma vida miserável, desde menino até a idade adulta. Na periferia de Diadema, onde sempre morou,

conviveu com amigos e inimigos e todos eles acabaram por se perder, uns na droga ou no álcool, outros no crime. As pequenas alegrias eram passagens e superficiais. Conformado com a sorte, trabalhava quando tinha trabalho, bebia quando tinha um trocado, juntava-se à malandragem quando precisava levantar algum dinheiro extra. Juntou-se com uma garota do bairro e construiu sua própria casa, dois quartos sobre a laje da casa dos sogros. Com dois filhos para criar e sem emprego, Henrique juntou-se a um bando de amigos para um assalto. Depois outro e outro. Acabou preso e condenado. Na cadeia ficou doente e os remédios que lhe dava o médico da prisão, quando dava, não traziam qualquer melhora. Sua mulher o visitava regularmente, mas nem forças tinha ele para cumprir suas obrigações de marido durante as visitas íntimas. Numa noite, contra sua vontade, um companheiro de cela o levou ao culto que uma igreja pentecostal mantinha na cadeia. Foi então que ficou sabendo das coisas de que o Diabo era capaz, inclusive das doenças e desgraças de que ele faz uso para atormentar as pessoas. Aprendeu também que a única possibilidade de vencer o Diabo é juntar-se a Deus. Henrique pôs-se do lado de Deus e se curou, ficou bem de saúde. Aprendeu depois que toda a sua vida era a própria obra do Diabo e decidiu dar uma chance a Deus. Em pouco tempo foi escolhido obreiro da igreja da cadeia e parece que seu bom comportamento e seu trabalho religioso contribuíram muito para antecipar sua liberdade condicional. O pessoal da igreja o amparou fora das grades e logo arrumou emprego fixo. A mulher e a mãe o acompanharam, ingressando na mesma igreja. Henrique não se cansa de dizer que agora é do bem, mas tem que estar sempre atento para

Mudar de religião não significa, contudo, apagar a religião anterior. Tudo indica que cada mudança agrega uma nova identidade religiosa, cujo sentido é completado na interação com a identidade religiosa anterior, à qual se pode voltar definitiva ou temporariamente, o que não é raro acontecer

as armadilhas do demônio, que nunca se cansará de lhe mandar tentações e armadilhas. Vai se sentir ainda melhor quando os sogros e os cunhados aderirem à sua fé. Sua vida agora se divide entre família, trabalho e igreja.

MARIA: REZADEIRA, KARDECISTA, UMBANDISTA CATÓLICA, EVANGÉLICA, TUDO JUNTO — Negra de mais de setenta anos, reside num barraco confortável numa favela localizada em terreno da Cidade Universitária, em São Paulo. Sua casa está sempre cheia de pessoas que a procuram para rezas, benzimentos e outros trabalhos espirituais. Seu único parente, um irmão, morreu faz uns dez anos e ela vive com a pensão que ele lhe deixou. Está criando um menino cujo pai, traficante, morreu baleado na porta do barraco de Maria. Maria veio do interior quando adolescente, mas foi na cidade em que nasceu que iniciou suas intensas atividades espirituais. Com doze anos de idade recebeu, no centro kardecista frequentado pela família, muito católica, o espírito de Francisco Xavier, que anunciou ao mundo a missão de Maria: praticar a caridade, no que foi ajudada por muitas entidades que recebeu num centro de umbanda, além do kar-

decista. Aos dezessete anos veio para São Paulo trabalhar numa casa de família, a qual deixou, mais tarde, para viver com um rapaz. Abandonada pelo companheiro depois do nascimento do filho, foi morar com o irmão solteiro. Dos quatro filhos que teve, nenhum sobreviveu e Maria dedicou-se cada vez mais à sua missão. Nunca fundou um terreiro nem teve filhos-de-santo, mas ao longo de mais de cinquenta anos, recebendo em transe muitas entidades, entre espíritos de luz, caboclos, crianças, exus, pretos-velhos, baianos e orixás, Maria dedicou a vida à causa alheia, curando e confortando quem quer que batesse à sua porta. Depois da morte do irmão, recolheu-se definitivamente à sua casa na favela da USP, um bem-construído barraco de quarto, sala, cozinha e banheiro, herança do irmão, de onde só costuma sair uma vez por semana, todas as segundas-feiras, quando, acompanhada de uma fiel amiga, toma bem cedinho um ônibus que as leva ao bairro da Liberdade. Ali, na Igreja da Santa Cruz dos Enforcados, famosa pelo culto às almas, Maria assiste à missa, reza e acende velas pelos espíritos dos mortos. Padecendo de diabetes, passou a ter grande dificuldade de locomoção. Maria gosta de assistir aos pastores evangélicos na televisão que ganhou recentemente em agradecimento por uma cura que realizou e foi através dessa televisão que se encantou com os milagres da Igreja Universal do Reino de Deus. Passou a frequentar esta igreja e se sente curada das dores nas pernas. Tem orgulho, até, de se dizer dizimista da Igreja Universal, embora sua pensão não alcance os duzentos reais mensais. Perguntei-lhe se é verdade que virou crente e que abandonou as entidades. Ela respondeu rindo que só o pastor acredita nisso, que Deus está em todo o lugar e que mui-

ta gente precisa das entidades dela, como ela precisa da força do pastor. Neste momento chega uma vizinha dizendo que há alguém no telefone comunitário perguntando se pode ir lá no dia seguinte para uma consulta espiritual. Ela responde que amanhã é dia de ir à Igreja dos Enforcados rezar para as almas, afinal se sente muito bem das pernas para retomar as idas à Liberdade, mas que na terça-feira pode vir. Que venha cedo, pois de tarde ela tem que ir à Igreja Universal.

PEDRO: NÃO SABE SE BATIZA O FILHO CATÓLICO OU EVANGÉLICO — Diz que vive doente e sem ânimo para muitas coisas que os amigos fazem com alegria. Quando pequeno, visitou com a mãe e as tias o santuário de Aparecida do Norte, em pagamento de promessa por uma cura de doença que tivera quando bebê. Tinha sete anos e ficou muito impressionado com a peregrinação, voltando lá várias vezes. Mas acabou casando-se com uma moça de família presbiteriana e não frequentou mais a igreja católica. O primeiro filho do casal morreu aos sete anos de leucemia e Pedro associou esta idade com a sua ao visitar Aparecida. Depois de sofrer um período de depressão, acompanhado da mulher, voltou ao santuário da padroeira do Brasil, mas não se sentiu confortado e passou a frequentar a igreja presbiteriana da mulher. Vez por outra, sozinho e anônimo, assiste ao culto em igrejas pentecostais e encontra conforto momentâneo. Desde que nasceu o segundo filho, vive em pânico com a possibilidade de o perder e não sabe se o batiza católico ou evangélico. Ele mesmo já não sabe qual é sua religião. Gosta de muitas religiões e não renega jamais a crença em Nossa Senhora Aparecida, mas sente que falta alguma coisa. Quando entra numa igreja pentecostal, e o faz aleatoria-

mente ao sair do trabalho no centro de São Paulo, tem sempre a esperança de encontrar por fim o caminho que vem buscando desde menino, mas logo se sente vazio, impaciente e desolado. Diz que é como se ele precisasse de uma religião nova todos os dias, embora espere encontrar aquela que de fato possa lhe trazer paz e tranquilidade definitivamente. Diz que não se interessa por espiritismo, umbanda e candomblé, mas que está disposto a experimentar, se necessário for.

ALEX: ENQUANTO O TEMPLO BUDISTA É DISTANTE, FREQUENTA GRUPO CATÓLICO CARISMÁTICO — Diz gostar muito de religião. Já foi católico de fita de congregação, já frequentou tudo quanto é centro espírita, de umbanda e candomblé, que adora mas acha que dá muito trabalho, já foi obreiro de igreja pentecostal e tem paixão pelo budismo. Acha que no budismo encontrou a verdadeira fé, fé mesmo, como ele diz, pois nunca procurou religião por causa de probleminhas, como fazem os outros. Não come nenhum tipo de carne, pois não quer que criaturas de Deus morram para que ele viva. Gosta de meditar e pensa um dia tornar-se monge, quem sabe. Infelizmente mora muito longe do templo ao qual gostaria de pertencer e, como não tem carro, acha inviável ir semanalmente lá. Não deixa de ir de vez em quando, quando dá, especialmente quando leva algum amigo motorizado para conhecer. Acha que seria o mais feliz dos homens se abrissem um templo por perto, já que ele mesmo não pode se mudar, por causa dos compromissos com família e emprego. Enquanto Buda não vem para mais perto, Alex está frequentando um grupo católico carismático, onde tem a oportunidade de conviver com gente muito legal e verdadeira.

CONVERSÃO E EXIGÊNCIA PRAGMÁTICA

Os relatos apresentados mostram que escolhas religiosas dependem muito de certos fatos da biografia de cada um, havendo momentos em que a religião parece preencher certas lacunas deixadas pela própria trajetória de vida, restabelecendo uma certa regularidade na vida cotidiana, interrompida não somente por doenças, perdas e tragédias pessoais, mas pelo próprio esgotamento de alguns ciclos vitais. Mas, como de certo modo o demonstrou María Júlia Carozzi para a sociedade argentina (Carozzi e Frigerio, 1994), a conversão ou adesão religiosa é um pro-



J. R. Ripper

cesso complexo, que envolve uma primeira aproximação com a nova religião por motivo particular, não necessariamente extraordinário, e que acaba, quando acontece, envolvendo o novo seguidor por meio dos mais diferentes ardis e estratégias. O converso não antecipa sua nova religiosidade e, assim, sua escolha é sempre encaminhada em função de determinados aspectos da religião, em geral pragmáticos. Com o tempo vão se aprendendo as regras da religião e com elas as obrigações e vantagens do seguidor.

Mudar de religião não significa, contudo, apagar a religião anterior.

Tudo indica que cada mudança agrega uma nova identidade religiosa, cujo sentido é completado na interação com a identidade religiosa anterior, à qual se pode voltar definitiva ou temporariamente, o que não é raro acontecer. Para pessoas pouco dotadas de habilidades intelectuais de interpretação do mundo, carentes de educação e cultura adquiridas formalmente e privadas de informação abrangente, uma nova religião pode significar um enriquecimento subjetivo, um ganho em repertório de avaliação da própria vida em sociedade, independentemente dos vieses e distorções que as novas concepções de mundo possam acarretar. De



todo modo, a religião anterior é sempre uma marca importante que o converso costuma enfatizar quando pensa a respeito de sua própria biografia. Diferentes escolhas sucessivas podem ser pensadas como camadas, como etapas ou contingências, das quais o converso pode fazer uso para interpretar sua sorte na vida. Assim, a primeira conversão, talvez a mais difícil e dramática, parece significar também a descoberta dessas possibilidades de suposto enriquecimento subjetivo e às vezes de mudança objetiva das condi-

ções de vida, descortinando-se para o consumidor religioso outras possibilidades, outras religiões, outras crenças. Religiões que nunca foram exclusivistas, por serem subalternas em relação ao catolicismo, como a umbanda, o candomblé, o catimbó, e suas variantes regionais, e em menor grau o kardecismo, têm representado para o católico um algo mais que se agrega à crença anterior, mas que não a anula, de modo que espíritas e afro-brasileiros continuam sendo católicos. Sua crença inicial não é substituída nem rejeitada, mas acrescentada, ampliada por outras fontes, que o dotariam de novos elementos de ajuda na sua luta pela sobrevivência. Tal simultaneidade não se verifica quando a nova religião nega a anterior, como as religiões

sua dependência em relação à autoridade religiosa, sempre interessada em controlar sua vida, embotando-lhe a consciência e fazendo-o frequentemente aceitar a necessidade de humilhação e espoliação pública de sua intimidade, sem contar novos compromissos financeiros que não raro é obrigado a assumir, desenhando-se um conjunto de resultados que pode reunir mais perdas do que ganhos, representando mais empobrecimento que enriquecimento. Mas o converso não se dá conta disso.

O converso só adere à religião quando ela traz alguma mudança importante para sua vida cotidiana, reordenando necessidades afetivas, sociais, familiares, carências interiores e muitas outras coisas que estão longe de se caracterizarem como motivações religiosas. Motivações estritamente religiosas também explicam conversões, mas em casos tão excepcionais e em número tão reduzido que não podem ser tomados como modelares. O modo como a religião interfere na vida do novo crente, uma vez que há comportamentos e rotinas novas que devem ser incorporadas, além de idéias, responde pela concretização da adesão. Por isso toda a religião quer demonstrar que é capaz de oferecer uma nova vida, plena de descobertas e realizações, desenvolvendo quase todas as etapas de batismo e renascimento, devidamente acompanhados de exorcismo e outras práticas de negação da crença anterior.

Mesmo quem entra para uma religião por motivo pouco ou nada religioso, como acompanhar um parente, resolver uma pendência, encontrar uma cura, ou simplesmente por atração estética ou afetiva, logo é compelido pela religião a descobrir profundas motivações interiores de natureza existencial e transcendental, de modo que possa

ser convencido de que uma força sobrenatural orienta sua inclusão num grupo que ele não escolhe, mas em que é escolhido. A favor do converso dos dias de hoje joga-se com a possibilidade de que ele possa abandonar a religião a qualquer momento, embora cada versão religiosa esteja convencida, e procure convencer, de que ela é a única verdade, muitas delas ameaçando com a perdição, o castigo e o caos os que dela se desviam.

Para aprisionar os que chegam apenas em busca de pequenos favores, a religião do converso terá que oferecer muitas vantagens, algumas facilidades e, no mínimo, alguma nova maneira de o indivíduo ver-se a si mesmo e à sua condição de vida, num mundo, vale dizer, em permanente transformação, com novas e velhas necessidades e meios de superá-las. Para isso a religião também tem que mudar, diversificando suas formas e expandindo suas ofertas.

Reginaldo Prandi, professor titular de Sociologia da USP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAROZZI, María Julia y Alejandro Frigerio. "Los estudios de la conversión a nuevos movimientos religiosos: perspectivas, métodos y hallazgos". In: FRIGERIO Y CAROZZI (orgs). *El estudio científico de la religión a fines del siglo XX*. Buenos Aires, CEAL, 1994.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. "Liberdade de cultos na sociedade de serviços". In: PIERUCCI, Antônio Flávio e Reginaldo Prandi. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. *Catolicismo e família: transformação de uma ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1975.
- . "Religião paga, conversão e serviço". In: PIERUCCI, Antônio Flávio e Reginaldo Prandi. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- . *Um sopro do Espírito: a reação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo, Edusp e Fapesp, 1997.



Lourdes Grzybowski

evangélicas em sua contraposição histórica e constitutiva ao catolicismo, mas a camada religiosa anterior e a atual aparecem como uma sequência na vida do converso em que a adesão à outra religião significa para este crente uma mudança de vida, assim como uma descoberta, uma conquista, um avanço. Na maioria dos casos, uma nova religião pode representar objetivamente mais retrocesso que avanço na vida do converso, submetendo-o a crenças que o afastam das fontes de conhecimento universal, aumentando

Mortes a crédito

Jurandir Freire Costa

A partir de mortes violentas acontecidas em lugares distantes (Rio e Kosovo), recebemos uma lição de amor à vida, vendo, desnudadas diante de nós as hipocrisias de ricos que empenham as vidas, e pobres que empenham as mortes, tudo a crédito.

As drogas são o problema que tem pretensões de substituir problemas; em verdade competição e ganância destroçam a vida

Doze pessoas foram, não faz muito, mortas na zona central do Rio, em uma disputa pelo comando do tráfico de drogas. Na mesma época, as agências de notícias informavam que catorze sérvios haviam sido assassinados em Kosovo. A morte dos catorze sérvios fez os dirigentes europeus, encarregados da tutela política do Kosovo, franzirem a testa e pedirem providências imediatas. A morte dos doze favelados cariocas fez o comandante geral da Polícia Militar comentar que a polícia havia sido previamente informada da troca de tiros, mas nada pudera fazer, pois os bandidos haviam "realizado um apagão" e o morro estava às escuras.

Dois pesos e duas medidas. Os conflitos étnicos que ameaçam a segurança econômica e política da Europa rica merecem preocupação dos chefes de Estado das opulentas nações ocidentais; a carnificina diária entre pequenos bandidos da "periferia do Ocidente" nem sequer tira o sono dos agentes da segurança pública.

Não se trata de acusar a polícia de corrupção ou de não cumprir o dever. O problema é policial, mas não é só, nem principalmente, policial. O que esse horror desperta é algo mais grave. Ele é sinal, de que o sentido do valor da vida, entre nós, vem mudando numa velocidade vertiginosa.

VIDA SEM SENTIDO

Aprendemos, ao longo do tempo, a dizer que a vida deve ser respeitada, por se tratar de "um bem em si". Poucos, no entanto, aceitariam a idéia de que a vida mantida a qualquer preço seja, de fato, um bem. Viver sem poder aspirar, mesmo de modo remoto, ao bem-estar, à felicidade ou à liberdade; viver sujeito à humilhação, à indignidade ou à miséria físico-moral; subsistir sem consciência de estar vivo, como em casos de lesões físicas gravemente incapacitantes; tudo isso acaba por retirar da vida seu caráter de bem precioso. Aprendemos a respeitar a vida, desde que a "vida tenha sentido".

Assim, poucas desditas são tão cruéis e poucos crimes tão pavorosos quanto perder ou ser privado da possibilidade de dar sentido à própria



Será que jamais nos perguntamos se “o problema da cocaína” se instalou no lugar de “problemas” que esquecemos, ao perder o interesse por tudo além da fronteira de nosso bem-estar físico e sentimental?

vida. Obras de ficção como *A escolha de Sofia*, de William Styron, *Johnny vai à guerra*, de Dalton Trumbo, *É isto um homem?* de Primo Levi, ou o magistral *Coração nas trevas*, de Joseph Conrad, mostraram o que significa sobreviver sem saber “para quê”. Estamos, bem ou mal, equipados para lidar com dores e prazeres. Ambos cabem em nossos corpos e mentes. Mas o absurdo, a gratuidade do infortúnio, a impossibilidade de entender “por que vivemos” paralisam o centro vital do Eu e desmontam o sentimento do valor da existência de forma, muitas vezes, irreversível.

O comércio de drogas ilegais no Brasil é o sintoma escandaloso de um estado de coisas que, se não alcança os piores níveis da estupidez humana, se aproxima da demência. Os consumidores de cocaína, em geral, pertencem a um grupo social que não pode mais passar sem o êxtase das drogas, pois a vida que levam chegou quase ao ponto zero de futilidade sociocultural; os fornecedores de cocaína, por sua vez, não podem dispensar as brutalidades e assassinatos cotidianos, pois foram levados a desconhecer o que é viver em comunidade ou coletividade. Os primeiros se apegam à vida, prolongando “os prazeres e os dias”, em um ritual regado a sangue de jovens pobres, tornados “bandidos traficantes”; os segundos consomem suas breves existências a serviço do desvario

de quem perdeu a razão de viver. Os ricos empenham as vidas, e os pobres, as mortes. Todos conhecem essas mortes a crédito com data marcada de cobrança; todos fingimos ignorar essa odiosa barganha, na qual as vítimas, mesmo depois de mortas, serão os criminosos dos noticiários policiais.

UM PROBLEMA NO LUGAR DE “PROBLEMA”

Nunca a lenda do “vampiro aristocrata”, que nutre o tédio eterno e agonizante sugando a vida alheia, se aproximou tanto do real. Em um lado da cidade, a minoria mimada, de noite em noite, de cheque em cheque, erra insaciável “à procura de Mr. Goodbar”; no outro lado, o “depósito” dos que nada são, o estoque de corpos à espera do aceno para o abatedouro, onde serão torturados, mutilados, chacinados e jogados, em “noites escuras”, nas valas imundas e montes de lixos. Esses oferecem seus 13, 14, 15 ou 20 anos de idade aos risos estampados nas revistas chiques e nos *cartes mon-dains*. Quem duvidar, veja o belo e sensível documentário de João Salles, Walter Salles Jr. e Katia Lundt sobre o tráfico de drogas nos morros do Rio de Janeiro.

Será que, de fato, alguém acredita que o “problema do tráfico de cocaína” está na Colômbia, nos morros cariocas, nas favelas paulistas ou na corrupção policial? Será que alguém já considerou, seriamente, os motivos que levam adultos e adolescentes brasileiros a se tornarem dependentes do consumo de cocaína? Será que jamais nos perguntamos se “o problema da cocaína” se instalou no lugar de “problemas” que esquecemos, ao perder o interesse por tudo além da fronteira de nosso bem-estar físico e sentimental?

Moralismo piegas, dirão os porta-vozes da cultura do cinismo, esses

mesmos que tentam ridicularizar qualquer anseio ou iniciativa em prol de um mundo mais justo. Mas contra fatos não há argumentos. Não existe “problema de cocaína” no Butão, assim como não existiu “problema de cocaína” no Ocidente, enquanto estivemos preocupados com o futuro, com a história e com a construção de uma vida mais digna para todos.

Desejo de cocaína não está inscrito nos genes nem é uma tendência latente do psiquismo, pronta a explodir quando aparece o papelote e as carteiras polpudas estão à mão.

Desejo de cocaína surge quando o trabalho avilta quem o faz, não obstante a gorda remuneração; quando ser “careta” é uma vergonha, já que o vizinho famoso, moderno e liberado é quem diz quais os hábitos de quem porta o *touch of class*; quando a vida, sob o peso da competição e da ganância, começa a estalar; quando o medo de não estar entre os *winners* faz da excitação química o substituto caricato do sucesso invejado; quando, enfim, se aprendeu que o “traficantezinho” sujo, feio, mirrado e desdentado é, no máximo, um candidato a R\$ 100 ou R\$ 200 por mês, logo, uma vida que interessa tanto quanto a das pulgas da Groenlândia.

Como disse Arendt, “onde os melhores perdem a esperança, e os piores, o temor”, poucas saídas restam, entre elas a cocaína. Sentido da vida não se improvisa; valor da vida não se compra pronto. Ou voltamos a crer que somos mais do que nossos pequenos prazeres ou alimentamos nossa moral vampíresca, até que um raio de sol venha, finalmente, dar cabo de vidas ocas que amesquinham a grandeza que só a vida de amor ao mundo pode exibir.

Jurandir Freire Costa, psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social da UERJ.

O livro do Apocalipse fala de um animal horrendo a que, na falta de um nome específico para nomeá-lo, dá o nome de "Besta", cujo número é "666". A Besta é o Anticristo que, com todas as forças satânicas do universo, se defrontará com os exércitos celestiais, na batalha final do Armagedon. Diante de visão tão horrível os conhecimentos da arte da interpretação dos sonhos que aprendi da psicanálise me faltam, e fico sem saber o que dizer. Sei que isso é devido à minha incompetência porque fui informado de que várias seitas religiosas, conhecedoras dos demônios, já

O computador salva...

identificaram a Besta, o Anticristo, o "666". Criatura infernal e esperta que é, ela esconde suas muitas cabeças e chifres, apresentando-se disfarçada sob a máscara de uma coisa aparentemente boa e inofensiva. A Besta — assim afirmam esses que conhecem o demônio pessoalmente — é o computador.

Compreendo que vejam a Besta no computador. Diz Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa, que "o que vemos, não é o que vemos, senão o que somos", com o que a psicanálise concorda. Conclui-se, assim, que o número de demônios vistos do lado de fora é precisamente igual ao número de demônios que moram dentro daquele que os vê.

O Antigo Testamento conta a estória de uma outra besta, igual a essas que conhecemos, animal modesto e forte, besta de carga, fazedora de trabalhos, cumpridora de ordens. Assim era a besta de um homem chamado Balaão. Pois o dito cujo, havendo ouvido a palavra de Deus, resolveu fazer o contrário, montou em sua besta para ir na direção oposta. Pois não é que o modesto animal voltou-se repentinamente para o seu dono, repreendeu-o em hebraico impecável, e fez com que ele ouvisse a voz de Deus? Os animais e coisas, mudos e sem fala, podem repentinamente se pôr a falar e se tornar mestres dos que prestam atenção.



William Seewald

O computador, guardadas as devidas proporções, muito se parece com o animal de Balaão: é uma besta de carga de que me valho para trabalhar menos, mais rápido e melhor. Pois comigo aconteceu igual, e a minha besta eletrônica, à semelhança da besta de Balaão, começou a conversar comigo assuntos que não são de computador, assuntos sobre os quais ele não conversa com especialistas. Ele não o faz porque os técnicos em computação, à semelhança dos relojoeiros que só pensam relógios, só pensam computadores. Como eu nada sei sobre computadores, o computador começou a conversar comigo sobre — pasmem! — teologia! Isso mesmo. Os mesmos computadores que, para uns, são a encarnação da Besta, para mim a encarnação da mansa besta de Balaão, e me falam sobre as coisas de Deus!

Explico-me.

Não tenho religião. Tenho sob suspeita todas as instituições religiosas. Mas eu tenho "sentimentos religiosos". Para ter sentimentos religiosos eu não preciso ser adepto de religião alguma; não preciso acreditar em nada. Sentimentos não acreditam. Eles simplesmente "são". Comovo-me com um pôr-de-sol, sinto saudades, fico alegre numa manhã radiosa e fresca. Para isso eu não preciso acreditar em nada. Basta-me estar vivo. Assim são meus "sentimentos religiosos": não dependem nem mesmo de que eu acredite em Deus. Lembra-se da música do Chico que fala da mãe que arruma o quarto para o filho que já morreu? Há sentimentos que crescem na ausência. Assim, posso ter sentimentos religiosos mesmo diante da ausência de Deus.

Meus sentimentos religiosos se formam assim. Primeiro, é uma alegria diante da beleza da vida. Nada grandioso. Minha alegria cresce de coisas pequenas: um haicai de Bashô, um poeminha da Cecília, uma pecinha de Bach do "Pequeno Livro de Ana Madalena", café com leite pão e manteiga, a presença tranquila do cachorro, o gosto e o cheiro do jambo (comi alguns ontem, na fazenda Santa Elisa), o chuveiro quente (lembram-se da cena do primeiro banho do anjo que havia se tornado homem, no filme Cidade dos Anjos?), ficar deitado na rede, o retorno da borboleta...

Amo essas coisas. E o amor não suporta que elas acabem. O amor é sempre uma súplica de eternidade: "Que aquilo que se perdeu me seja devolvido!" Assim reza o amor — sempre... Essa reza é o coração da religião.

E aí eu me dou conta de que essa oração não é só minha. Todas as coisas vivas desejam viver para sempre. É por isso que a natureza inventou um truque de eternidade: cada coisa viva tem, dentro de si, uma passagem de volta. É por isso que as plantas florescem. É por isso que os animais copulam. Todos querem plantar suas sementes. Cada floração e cada cópula é uma súplica de eternidade.

Cada semente de planta ou bicho contém um "programa", igual aos dos computadores, chamado DNA. O DNA de cada coisa viva é a garantia da sua eternidade. Cada semente, lugar do DNA, é um disquete com a receita para que aquilo que morreu venha de novo à vida.

Assombro-me que a natureza tenha inventado tal artifício de eternidade. Se não o tivesse feito, toda a vida já teria desaparecido.

E nós? Diferentes dos animais e das plantas. Nos animais e nas plantas o DNA é receita completa: todas as informações estão lá. Mas nós somos diferentes. Nosso programa não está concluído. Temos de inventar o que está faltando. Há, em nossos corpos, um espaço vazio que nos desafia a criar. É o que se chama "liberdade". A ciência, a poesia, a arquitetura, a música, a culinária, as religiões, a jardinagem, as artes eróticas, o brinquedo: tudo isso são invenções humanas para completar aquilo que falta em nosso DNA. É assim que fazemos o nosso *software*, a nossa alma.

E eu me perguntei se a natureza, tão cuidadosa em garantir a eternidade dos pernilongos, dos sapos, dos sabiás, dos eucaliptos, dos girassóis e das violetas, não teria um artifício também para garantir a eternidade das coisas belas que inventamos. Seria uma pena se elas se perdessem!

Lembrei-me de que os computadores possuem uma peça chamada "disco rígido", ou *winchester*: é o lugar onde as "informações" são "salvas". Essa palavra "salvar" pertence ao discurso religioso. Cristo salva! O seu contrário é "perder". Quando uma informação é "salva" ela não se "perde". O texto está vivo na tela. Se eu desligar o computador ele some, morre, se "perde". Mas, se antes de desligar eu o "salvo", então, mesmo com o computador desligado, ele estará preservado na "memória" do computador. Pelo poder da memória do computador os mortos que nela estão "salvos" podem ressuscitar.

Brinquei então com a idéia (de tão louca acho que ninguém ainda a pensou) de que é possível que o universo também tenha um "disco rígido" onde as coisas que vão morrendo ficam "salvas" numa memória cósmica. Assim, nada se perderia. Só que, na minha fantasia, só são "salvas" as coisas que amaram e foram amadas. As outras, que nem amaram e nem foram amadas, são "deletadas": desaparecem. Assim, tal e qual no computador, aquilo que morreu e foi "salvo" na memória cósmica pode repentinamente ressuscitar...

Qual seria um nome apropriado para esta memória do universo que salva, eternamente, as coisas do amor e apaga, eternamente, as coisas do ódio? Talvez Deus.

Viram? O computador me fez pensar fantasias teológicas que ninguém antes pensou. Fico rindo de felicidade enquanto minha bolha de sabão vai subindo...

Igreja e Estado em El Salvador: repressão e morte

Há vinte anos dom Oscar Romero foi assassinado. KOINONIA relembra esse martírio resgatando o texto publicado na edição n. 158, cuja atualidade permanece intacta assim como a luta do bispo mártir.

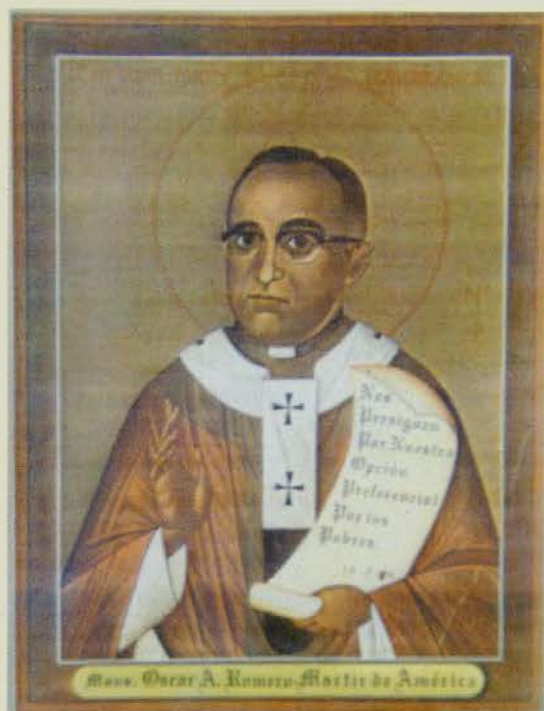
Oscar Romero, arcebispo de El Salvador nasceu no dia 15 de agosto de 1917. Ordenou-se em 1942 e recebeu o arcebispado em 1977. Em 1978 a Universidade de Georgetown, em Washington, concedeu-lhe o doutorado honorário pelos seus trabalhos no campo dos direitos humanos. Em fevereiro de 1980 recebeu o mesmo título pela Universidade de Louvânia. No dia 9 de março a Ação Ecumênica Sueca lhe conferiu o Prêmio PAZ 1980 e havia sido indicado pela Igreja da Alemanha para o Prêmio Nobel da Paz.

Quando foi designado Arcebispo, dom Romero foi saudado como advogado de milhares de salvadorenhos que vivem ainda hoje em miséria extrema nas zonas rurais.

No dia 17 de fevereiro de 1980 enviou uma carta ao presidente Carter em que denunciava que "o poder político está nas mãos de militares sem escrúpulos, que não sabem fazer outra coisa que reprimir o povo e favorecer os interesses da oligarquia salvadorenha". Denunciava também na mesma carta que cidadãos norte-americanos teriam introduzido no país grande quantidade de material para uso da repressão.

Todos os domingos a catedral ficava repleta de pessoas para ouvir a lista de mortos e desaparecidos e as palavras desassombradas do arcebispo.

No dia 24 de fevereiro anunciara que recebera um aviso de que estava na lista dos que seriam eliminados. E afirmava: "Mas conste que já ninguém pode matar a voz da justiça".



Uma bomba destruiu totalmente as instalações da rádio da arquidiocese que transmitia as homilias dominicais. Imediatamente outra rádio, da Costa Rica, passou a transmiti-las para toda a América Central.

A repressão foi aumentando. No sermão do dia 23 de março lançou um grito de angústia: "Em nome de Deus, em nome deste povo sofrendo cujos lamentos sobem ao céu cada dia, rogo-lhes, ordeno-lhes, parem com a repressão".

Sua sorte estava selada. No dia seguinte, ao erguer o cálice durante a celebração da Eucaristia, foi metralhado. Seu sangue misturava-se com o sangue do Cristo e selava a sua aliança com o povo martirizado de El Salvador.

Estava na lógica das forças repressivas que sua voz deveria ser calada. Mas, ao mesmo tempo, foi um ato suicida das mesmas forças, pois essa voz não se calou, ela está mais presente ainda no coração, nas vidas e na prática de luta do povo de El Salvador.